

Desemprego tem solução:

OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE!



O alto-falante do Fundo de Greve irradia na porta da Volks a luta pelo emprego

Uma semana depois do início das demissões em massa, 500 operários da Volkswagen foram ao comício na porta da fábrica em São Bernardo. Lula, Gilson, Djalma e Expedito, diretores cassados do Sindicato, foram ouvidos com atenção pelos metalúrgicos, que desafiavam a segurança da fábrica.

Os sindicalistas convocaram todos para as primeiras assembleias da campanha salarial deste ano, nos dias 13 e 14 de fevereiro, na Praça da Matriz. Junto com a campanha salarial e a luta pela retomada do Sindicato, ainda sob intervenção, aparece agora com força a bandeira da reconquista da estabilidade no emprego, surrupiada pelo regime militar. "Vocês é que devem decidir — disse Lula — se querem continuar a luta ou não, mesmo que tenham demitido 3 mil, 4 mil, 7 mil ou quantos sejam. Quem for favorável à luta pelos nossos direitos, pela campanha salarial deste ano levante a mão".

Percebia-se o entusiasmo reinante quando todos levantaram a mão. Até um vendedor ambulante que assistia o comício não se conteve: "Se todo mundo parar ao mesmo tempo, eu quero ver o que o governo faz". Djalma Bom também foi muito aplaudido, quando disse: "É como uma luta de boxe. Se a gente leva uma pancada e baixa a cabeça, só vai levar mais pancada. Vamos erguer a cabeça e partir para a luta. Vamos seguir o exemplo dos italianos da Fiat. Eles entraram em greve contra o desemprego e estão se organizando".

As 3.740 demissões na Volks em apenas uma semana, a indignação dos metalúrgicos com o tratamento de animais que os "alemães" lhes dispensam, as enrolações do ministro Murilo Macedo, "um homem que não devia ter nascido", as reações nos meios sindicais, a verdade sobre o desemprego e a crise do capitalismo, que os exploradores descarregam sobre os explorados, estão na reportagem da página 4.

Figueiredo perde o sono com medo da eleição de 82



O governo mais impopular da história do Brasil tá quebrando a cabeça para não perder feio nas urnas. Anísio de Souza, deputado capacho do regime, propõe eleição biônica.

Página 3

UNE desafia ministro da ignorância

Artigo de Aldo Rebelo - Pg. 3

Em São Caetano pelego milagreiro operou multiplicação dos votos

Página 4

Metalúrgicos de Osasco apostam em sindicato forte

Página 8

GRINGOS QUEREM ESTERILIZAR O BRASIL!

O futuro é do povo e não dos generais

Os generais andam falando em otimismo e confiança no futuro. Figueiredo prevê dias melhores, diz que "é hora de confiar no Brasil e trabalhar ainda mais". Mas os fatos não ajudam esse otimismo. Pelo contrário, apontam para uma crise cada vez mais grave.

Como presente de fim de ano, os transportes coletivos tiveram um grande aumento nas tarifas. A carne deve subir uns 50% até o fim de janeiro. Já disseram que a prestação das casas do BNH também vai subir, 50 ou 60%. O café deve mais do que dobrar de preço, para não falar da luz, gás, telefone e outras coisas essenciais. E da gasolina.

Só os salários continuam arrochados. E os capitalistas buscam uma forma de acabar com os reajustes semestrais. Será que os trabalhadores podem ignorar esta carestia desenfreada e acreditar nos "dias melhores" dos donos do poder?

✳ Quando havia crescimento da economia, o regime militar dizia que era preciso trabalhar duro primeiro, deixar o bolo crescer, para depois dividir. Agora, dizem novamente que é preciso trabalhar duro, para enfrentar a crise!

O operário se sacrifica, faz crescer a economia do país, e, na hora da crise, jogam sobre ele as consequências. Então ele novamente se sacrifica, enfrenta o desemprego e os preços altos, para o patrão continuar

recebendo lucros elevados. Esta é a lógica do sistema capitalista, e o regime militar, com seus generais, está a serviço dele.

Os trabalhadores não têm porque alimentar ilusões neste regime. Enquanto os generais estiverem no poder, e enquanto durar o capitalismo, quem for trabalhador vai passar dificuldade.

✳ Numa situação dessas, em que se agravam as contradições em todos os setores da vida nacional, só se pode garantir direitos com luta decidida. Mais do que nunca é importante unir e organizar a classe operária, os assalariados agrícolas, os camponeses, fazer da unidade popular uma força política capaz de intervir nos acontecimentos. Junto com todos os democratas, o povo unido pode liquidar o regime militar e criar as condições para uma verdadeira democracia popular e abrir caminho para o socialismo.

Desta forma, a classe operária tem motivos para ser otimista. O futuro pertence ao povo e não aos generais, ao socialismo e não ao capitalismo. Os trabalhadores e o povo brasileiro podem livrar-se do peso que os capitalistas lhes atiram nas costas. Podem mudar a situação do país e fazer com que os ricos paguem a conta da crise.



A população rebelada enfrentou como pôde os tiros criminosos dos PMs

Revolta em Santa Cruz: POVO TOMOU A CIDADE E PÔS POLÍCIA PRA CORRER

Última página

Esterilização é presente de gringo

Há três meses o Banco Mundial, controlado pelos banqueiros americanos, divulgou um relatório analisando o futuro da América Latina, onde afirmava a necessidade de se adotar uma política eficiente para evitar o crescimento populacional. Agora, o ministro brasileiro da Saúde, Valdir Azevedo, anuncia a implantação de um "Programa de Anticoncepção Familiar" em todo o país. A partir de janeiro deste ano, a rede hospitalar do INAMPS e das Secretarias Estaduais de Saúde deverá estar fazendo esterilização em homens e mulheres.

Mas o controle de natalidade já vem sendo praticado há bastante tempo no Brasil. Somente em 1978 a Sociedade Brasileira de Bem-Estar Social (BIBSAM), financiada por milionários americanos, distribuiu anticoncepcionais a cerca de 1 milhão e 400 mil mulheres em 13 Estados da Nação.

AOs POBRES, PILULAS
Os ricos têm acesso imediato com o fantasma do crescimento da população mais pobre. Temem que um grande número de pessoas sofredoras, maltratadas e famintas venha a perturbar sua tranquilidade e colocar em risco seu domínio. Por este mesmo motivo, o rápido crescimento da população dos países subdesenvolvidos causa pânico nos imperialistas.

A pretexto de "ajudar" os necessitados, os imperialistas e as classes dominantes em geral pregam o "controle de natalidade". Querem limitar o número de filhos que os



8 milhões de esterilizações em um ano no Índia. Chegaremos a isso?

pobres devem ter, como se isso resolvesse o problema da fome, da falta de assistência médica, do desemprego, etc.

Segundo recente denúncia do general Andara Serpa, somente a Fundação Rockefeller tem um plano para instalar 70 clínicas aqui no Brasil com o objetivo de esterilizar 15 milhões de brasileiros.

SERVINDO DE COBAIAS
A grande maioria das mulheres que usam anticoncepcionais não sabe dos riscos que estão correndo. Já está provado que as atuais pilulas anticoncepcionais causam frequentes e graves danos a mulheres, como câncer, atrofia dos ovários e problemas de circulação do sangue. Mas o mal não acaba aí. Diversas mulheres estão servindo de cobaias

para experimentos de novos anticoncepcionais. O cientista baiano Elismar Coutinho vem testando dois tipos de substâncias em mais de seis mil mulheres brasileiras.

Já foram feitas várias denúncias de esterilizações sem consentimento das mulheres. Uma jovem de 30 anos de Rolândia, no Paraná, afirmou à Tribuna que "ter uma operação" e que "depois o médico disse que não podia mais ter filhos". "Se soubesse... disse indignada... eu não deixava".

GATO POR LEBRE

Algumas pessoas entrevistadas pela Tribuna acharam que a esterilização era "uma boa", porque assim teriam menos filhos e menos dificuldades. Não perceberam que estavam comendo gato por lebre.

É claro que o casal, e particularmente a mulher, tem o direito de ter o número de filhos que desejar. Mas precisa ter condições para fazer essa escolha. Precisa conhecer os riscos dos métodos anticoncepcionais e saber o que significa de fato uma esterilização.

Quando o governo impõe o controle de natalidade sem explicar às mães os riscos que estão correndo sem dar-lhes as mínimas condições de escolha, não defende os direitos da mulher ou dos pobres, mas pisa em cima deles. Como uma operária ou camponesa pode querer ter muitos filhos se não tem condições para mantê-los? Sem se resolver o problema da fome e da miséria, o controle de natalidade não é um direito, mas uma imposição.

SOCIALISMO RESOLVE

Por detrás da pregação do governo a favor do controle de natalidade está o problema da existência de uma sociedade dividida em exploradores e explorados. E no Brasil o regime militar, longe de solucionar este problema, só vem contribuindo para agravá-lo.

Fome só não existe mesmo onde há igualdade social. Onde todos têm direito a trabalho, salário digno, condições de moradia, assistência médica. Onde não há milionários sugando o suor dos que trabalham. Ou seja, no sistema socialista. Assim, o controle de natalidade pode ser um direito, uma escolha da casal e da família e não uma imposição.

(Domingos Abreu, Olivia Rangel)

DIREITOS HUMANOS

Tortura virou rotina

Goiania, GO — Os 180 presos da Casa de Prisão Provisória de Goiânia enviaram uma carta a todos os jornais da cidade denunciando torturas praticadas pelo chefe de segurança, simplesmente Porto.

No outro dia os repórteres foram falar com o diretor da Casa, Darcy Pereira, e viram com os próprios olhos as conseqüências das torturas. Um dos detentos tinha as costas cheias de feridas e marcas por todo o corpo. Tudo começou depois de uma frustrada tentativa de fuga. Neste mesmo dia o torturador Porto começou a primeira sessão de espancamentos. O preso era colocado no chão, de costas para cima, e enquanto o subtenente pisava em sua cabeça, outro soldado aplicava golpes de bota na cabeça, no peito e nas costas. No outro dia de manhã os torturadores voltaram e teve início outra sessão de torturas.

Feita a denúncia, o diretor da CPP iniciou uma sindicância, mas até agora só foram ouvidos os torturados. O subtenente Porto e seus soldados negaram-se a prestar depoimento. Até o momento continuam impunes. (Da Sucursal)

Maceió, AL — Comprovando as denúncias do deputado Renan Ca-



Detento torturado mostra as marcas da violência

lheiros (PMDB), diversas vítimas de torturas e acadêmicos estagiários acusaram os médicos psiquiatras George Sanguinetti Fellows e Diário da Rocha Barros de praticarem torturas nos pacientes. Isto através de indiscriminadas aplicações de eletrochoques no Município Judiciário de Alagoas.

Com o colo do fêmur fraturado nas sessões de tortura, o advogado e professor José Zacarias, de 41 anos, ficou paralisado. Ele agora teme represálias por ter feito a denúncia. Dependendo do CPI do Município Judiciário, o sexagenário de medicina José Medeiros confirmou as torturas, que já provocaram até casos de morte.

(Da Sucursal)

UNIÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRROS

II Encontro de Bairros

Caxias do Sul, RS — Realizou-se no dia 13 de dezembro o II Encontro da União das Associações de Bairro da cidade, UAB. Dezenas de pessoas e representantes de 40 associações expressaram energia repúdio à política antipovo e entreguista do regime militar.

A luta dos possesores do Parafólio lembrada como exemplo de decisão e o I Congresso Nacional de Luta Contra a Carestia foi saudado. O encontro culminou pela necessidade de ações concretas contra a disparada dos

preços. Recomendou suspender o pagamento dos lotamentos irregulares até que sejam implantados serviços essenciais como água e esgoto.

Os presentes ao Encontro aprovaram por unanimidade a luta pela Constituição livre e soberana. Exigiram a nacionalização, com controle popular, dos monopólios e reforma agrária radical. Condenaram o archo salarial e reivindicaram liberdade sindical e direito de greve.

(Do correspondente)

PROTESTOS NA BAHIA

Passeata pela água e contra a Embasa

Camaçari, BA — Mais de 300 moradores da Gleba C saíram em passeata pela cidade manifestando seu repúdio à direção da Empresa Baiana de Saneamento, Embasa, exigindo fornecimento de água. Da passeata participaram mulheres, operários e crianças carregando latas e panelas vazias, além de vários carros com faixas e cartazes de protesto contra a péssima administração municipal e a atuação da Embasa. A medida que a manifestação lá passando, era engrossada por populares.

A Embasa estava fechada por determinação do chefe. Ai o povo começou a gritar: "A gleba não tem água, a culpa é da Embasa" e "So vamos pagar quando a água chegar". Diante da decisão do povo de não arrear pé, os funcionários da empresa abriram o esgoto, mas afirmaram que não atenderiam às exigências dos manifestantes.

O povo resolveu então pegar "na marra" os responsáveis pelo serviço de água e leva-los para soltar a água. Assim, milhares prenderam 3 funcionários e levaram-nos no meio da passeata até o local onde deveriam abrir o fornecimento de água. Lá chegando, os manifestantes depalearam-se com policiais armados, que ameaçaram enfiar tudo no mundo na Lei de Segurança Nacional. Revoltado, o povo começou a gritar em coro: "O povo unido jamais será vencido".

A polícia resolveu libertar e proteger os três funcionários da Embasa. A população não conseguiu água naquele dia. Mas a polícia também não conseguiu prender ninguém. O povo ainda não ganhou a guerra, mas venceu uma batalha. A água ficou correndo aquela tarde e no outro dia.

(Do correspondente)

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 750,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaqueira - conta n° 03154 São Paulo - Capital.

Pedido de compra

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Estado: _____

Cidade: _____ CEP: _____ Fone: _____

O imperialismo e a revolução
Importante livro de Enver Hodge sobre a realidade mundial num visão marxista-leninista. Poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais.

Pedido de compra

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Estado: _____

Cidade: _____ CEP: _____ Fone: _____

Estou enviando o cheque n° _____ no valor de Cr\$ 400,00 em nome de Editora Anita Garibaldi Ltda. - Rua Beneficência, Porto Alegre, n° 44 - 91101-000 - CEP 91033



Moradora observa sua casa destruída pela polícia

PREFEITURA CONTRA INVASORES

Destruindo barracos

Goiania, GO — No dia 6 de janeiro, funcionários da Prefeitura de Goiânia, acompanhados de policiais da PM, derrubaram três barracos na região do Areião e Jardim Goiás. Há cinco anos que os moradores destas duas invasões vem sofrendo repressão e agressões policiais, desde que os possesores necessários contrairam ali suas casas.

Francisco Loyola, presidente da Associação dos Moradores do Areião diz que "no início da semana as máquinas que trabalhavam no alargamento do correjo Botafogo retiraram terra até chegar no barracão do Joaquim Brito, que com as chuvas fatalmente ia cair".

Há mais de um ano que o prefeito prometeu resolver o problema dos invasores do Areião, mas até o momen-

to quase nada foi feito. Afirma ainda Loyola que eles estão sendo agredidos todos os dias pelos fiscais da prefeitura, que vêm ao bairro fazer arruaças, ameaçando com revólveres os moradores. "As famílias que aqui residem estão se organizando para defender-se desses agressores".

A Associação marcou para dia 11 uma assembléia geral a fim de discutir os problemas causados pelas máquinas da prefeitura na casa de Joaquim Brito e a demolição do barracão de um outro morador. Resistindo a esses atos arbitrários, a Associação, juntamente com os moradores já programaram mutirão para a reconstrução dos barracos destruídos. (Da sucursal).

MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA

Reizado da Carestia

Brasília, DF — Com a presença de cerca de 70 participantes, entre donos-de-casa, operários da construção civil, funcionários públicos e bancários, foi organizado em Brasília o Movimento Contra a Carestia. A reunião realizou-se no Círculo Operário de Taguatinga no dia 4 de janeiro.

No início da reunião foi feita uma exposição sobre os objetivos do movimento. Os presentes foram divididos em grupos para discutir os objetivos do MCC e sugerir medidas práticas de combate à alta dos preços. Entre as sugestões apresentadas, estão o lançamento oficial do MCC em Brasília no dia 1.º de Março, pesquisas sobre o custo de vida feitos pelos participantes do movimento, abaixo-assinados, etc. Foi escolhida uma coordenação provisória do movimento, composta por um comerciante, dois membros do Círculo Operário, um economista e uma dona-

de-casa. (Do correspondente Paulo Sergio Cass))

MCC ARRECADADA FUNDOS

Fortaleza, CE — Entre 5 e 6 de janeiro, populares realizaram um Reizado contra a Carestia, divulgando, de forma popular, a luta contra a alta dos preços. Grupos de 10 a 15 pessoas tocando bumbo, pandeiro, violão, maraca e cantando pararam de casa em casa. O dono atendia e dava alguma coisa: dinheiro, bebidas, alimentos e outras prendas. Em quase todas as casas em que se cantou músicas contra a carestia os donos abriram as portas e confraternizaram com os grupos. A iniciativa da Associação Interbairros do Ceará foi particularmente bem recebida por muitos populares. E assim o MCC conseguiu muitos bens para leilão e arrecadar fundos. (Do correspondente)



Ameaça de despejo

Rio de Janeiro, RJ — 180 famílias da Favela de Cachoeirinha, na Barra da Lijica, estão ameaçadas de despejo. Na manhã do dia 6 de janeiro foram surpreendidas por oficiais de polícia que despejaram 3 famílias e destruíram suas casas. No dia seguinte, mais de 100 representantes da recém-criada Associação de Moradores estiveram presentes na audiência com o juiz, portando cartazes de protesto. O juiz manteve a ação de despejo. Os favelados, com apoio de moradores do Vidigal, Indianá e Barraima, além de advogados populares, enfrentaram a polícia armada de metrô e ônibus e bombas de gás lacrimogêneo. E conseguiram um prazo de 60 dias para serem renovados sob indenização. (Da Sucursal).

Abaixo-assinado

Juiz de Fora, MG — Moradores do loteamento Bom Sucesso, situado no bairro popular de São Benedito, fizeram um abaixo-assinado reivindicando água, luz e esgoto à Prefeitura Municipal. Os moradores tem ainda que atuar a explosão da Pedreira Central de Britagem na Fazenda Povo D'Anta, que vem poluindo a água. A prefeitura nega qualquer auxílio alegando que o loteamento não é cadastrado. Mas os moradores não desistiram. Estão dispostos a ir à luta e denunciar todas as irregularidades que o poder público local, representado pelo PDS, vem cometendo. (Da sucursal).

Tempo Novo no DCE

Rio Branco, AC — Com quase 50% do total de votos a chapa Tempo Novo foi eleita para a DCE da Universidade Federal do Acre. No total de 671 votos, Tempo Novo ganhou 320. A maioria dos elementos da chapa atua na Têndencia Popular do PMDB e apoia a chapa Viração para a direção do UNE. Os membros não desistiram. Estão dispostos a ir à luta e denunciar todas as irregularidades que o poder público local, representado pelo PDS, vem cometendo. (Da sucursal).

Mais uma sucursal

Goiania, GO — No dia 16 de dezembro últimos os operários e os setores populares e democráticos de Goiás ganharam uma sede onde poderão fazer reuniões e discutir seus problemas. Foi inaugurada a sede da sucursal de Goiânia da Tribuna Operária. Cerca de cem pessoas, além de representantes de 18 entidades democráticas compareceram ao evento. O diretor do jornal, Bernardo Joffily, convidado especial, discursou sobre o objetivo do jornal e sua linha política. (Da sucursal).

Carta aberta

Salvador, BA — Os alunos do Colégio Central da Bahia divulgaram uma Carta Aberta à População denunciando as arbitrariedades da diretoria do estabelecimento. Os estudantes criticam também o grande terrorismo da Mobilização Estudantil, que recebeu apenas 125 votos, ficando em último lugar. (Do correspondente).

Mutirão

Goiania, GO — Os moradores do Jardim Nova Esperança iniciaram a construção de uma escola em mutirão, com o apoio da Associação de

Princípios

Aguarda-se para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira Calvo
Diretor: Rodrigo Rios
Editor: Valdir Azevedo
Assessor: Cláudio Aguiar
Redação: Rua 19 de Abril, 1001 - Belo Horizonte - Minas Gerais - CEP 31020-000
Fone: (031) 323.7733 - Telex: 346551 - Radiotelegrafia: 346551 - Telefax: 323.7733
Assessor: Cláudio Aguiar
Redação: Rua 19 de Abril, 1001 - Belo Horizonte - Minas Gerais - CEP 31020-000
Fone: (031) 323.7733 - Telex: 346551 - Radiotelegrafia: 346551 - Telefax: 323.7733
Assessor: Cláudio Aguiar
Redação: Rua 19 de Abril, 1001 - Belo Horizonte - Minas Gerais - CEP 31020-000
Fone: (031) 323.7733 - Telex: 346551 - Radiotelegrafia: 346551 - Telefax: 323.7733

Atenção! Últimos exemplares à venda. Dê um livro de presente a seu amigo

Convite à libertação

Neste quarto artigo da série sobre a guerrilha do Araguaia, Paulo Fonteles relata o trabalho político que antecedeu o conflito, com base no depoimento de moradores da Faveira e da Gameleira. "eles convidavam o povo para a libertação".

ca que não conseguia entender bem o que seria essa libertação.

NA GAMELEIRA TAMBÉM

A região da Gameleira fica no pé da Serra das Andorinhas, entre as áreas dos Caianos e da Faveira. Foi onde viveram o Osvaldo, Helena Resende, Lourival, Lia e outros guerrilheiros. O depoimento que melhor ilustra o trabalho na Gameleira foi dado por José Genóimo Neto, que, embora não tenha participado da guerrilha propriamente dita, já que foi preso logo na sua deflagração, disse em um longo depoimento para a publicação *História Imediata*, em 1978. "No terreno político vamos elaborar, junto com a população, um programa de reivindicações para a região. (...) era um programa de 27 pontos, que se propagava naturalmente. (...) Começam nessa época (início de 1972) os grandes conflitos pela posse da terra. (...) Vamos fazer um trabalho mais avançado com a população. A gente vai conversar com todo mundo, a população começa a procurar a gente. E se acerca coletivamente, com todos os moradores da região, que ninguém deve sair de lá".

adora de São Domingos das Latas, deu seu depoimento. "Eles davam remédio e conquistavam o pessoal para acompanhar eles. Conquistavam assim, dizendo que o pessoal tinha uma cegueira de falar. Que o presidente, o governador não davam assistência ao pessoal da mata. Então o pessoal adoece, morria à mingua e nem sabiam que eles existiam, que tinham necessidade. Diziam isso pro povo antes da guerra começar. E por isso que eles já tinham bastante gente com eles por aqui mesmo. O Seu Luizinho, que é cunhado desse Constantino bem aí, foi um dos que morreu na mata, matado pelo Exército".

O mesmo Lauro acrescenta: "Dona Maria gostava de visitar gente de domingo, falava de hospital, escola, do governo que não dava assistência. Falava tudo isso. Eram assuntos que eles traziam". E Dona Maria, da Metade, arreata: "Eles convidavam o povo para a libertação" embora esclare-

CLAMACAO PELO TERRA
Lauro Rodrigues dos Santos é morador da Faveira, entre os municípios de Marabá e São João, na desmembradura do Araguaia no Tocantins. Perdeu a mão, devido a uma granada que o Exército deixou na mata. Ele conta: "Quem primeiro chegou na Faveira foi o Seu Mário (Maurício Grabois), juntamente com Dona Maria (Elza Monnerat) e Joca, em 1969. Depois vieram os outros. Eles foram trabalhar na roça, no comércio, na farmácia. Minha mãe ensinou muitos deles a fazer as comidas aqui da região: beju, tapioca, mandioca. Eu tive uma malária de 20 dias e quem me curou foi a Alice. Se não fosse ela eu tinha morrido".

Ao lado disso, quando os problemas da terra começaram eles atuaram ao lado da massa. Dona Maria, moradora da Metade, relembra: "Nesse tempo um povo tinha tomado as terras desses pobres aí. Foi o Messêncio, que deixou tudo quanto foi pobre fora de casa. Ai eles, o povo da mata, reclamaram muito sobre isso".

"CONQUISTAVAM PESSOAL"
Com o respeito e a admiração do povo do lugar, os comunistas iniciaram uma explicação política do trabalho que realizavam, embora dentro das regras de segurança que a situação de extrema repressão exigia.

Dona Lindaura Vilarene, mo-

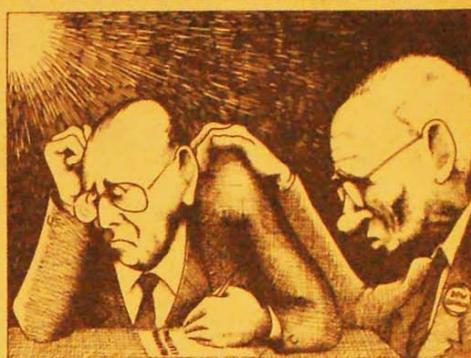


Lauro: mutilado de guerra no Para

REFORMA ELEITORAL

Gang de Figueiredo planeja roubo na eleição de 1982

O governo já entrou em 1981 morrendo de medo de 1982. Nesse ano, em 15 de novembro, estão previstas eleições diretas para governadores e vice-governadores de Estado, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores. Todos os observadores esperam uma goliada da oposição no partido governista, pois o povo está farto de tanta fome, repressão, corrupção e entreguismo. Figueiredo, Golbery e sua gang estão quebrando a cabeça para descobrir os truques sujos que poderiam garantir a falsificação do resultado eleitoral. Um balão de ensaio neste sentido já foi lançado, pelo deputado Anísio Souza, velho capacho da ditadura.



Quarto truque: maioria distrital para governador e senador. Este é talvez o ponto mais canalha da emenda Anísio. O candidato, mesmo sendo o mais votado, não se elege se não tiver ganho na maioria dos "distritos". Como esses "distritos" seriam definidos de acordo com os interesses do governo, já se sabe qual seria o resultado.

Segundo truque: o voto distrital. Anísio pretende dividir cada Estado em "distritos eleitorais". Cada "distrito" elege apenas um deputado federal e um estadual. A intenção é favorecer a corrupção eleitoral, pois fica muito mais fácil para os candidatos do governo descarregar todo o seu poder econômico numa área mais limitada.

Terceiro truque: voto só nos candidatos e não nas legendas. Anísio propõe o "voto distrital" para 70% dos deputados. Nos 30% restantes, porém, se um candidato tiver grande votação, os votos que ele receber a mais não ajudarão em nada seus companheiros delegenda. É uma jogada contra as oposições, que contam com líderes de grande peso eleitoral, enquanto o governo não tem ninguém bom de voto.

GOVERNO ESTÁ POR TRÁS

Se o governo não se comprometeu abertamente com a emenda Anísio, a verdade é que seu plano é impor ao país uma reforma eleitoral justamente desse tipo.

A emenda Anísio surge então como um balão de ensaio, uma forma de testar a reação dos brasileiros às propostas mais canalhas e desvergoadas de reforma eleitoral. A gang do Planalto fica por trás dela, observando essas reações, para então lançar a sua proposta ou sair em defesa do seu pau-mandado Anísio de Souza. De uma forma ou de outra, o povo ainda tem muita luta pela frente se quiser votar, ganhar e levar nas eleições de 1982.

(Bernardo Joffily)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A quem serve esse pacto social?

Nesta virada de ano, fala-se com insistência na necessidade de um pacto social entre trabalhadores e patrões, em nome do combate à recessão. A ideia foi levantada por capitalistas como o sr. Claudio Bardella, considerado viável por líderes sindicais como Jacó Bittar e agora conta com o aval de figuras do governo como o ministro Delfim Netto.

Isso coloca em pauta certas questões importantes, ligadas aos acordos com a burguesia, ao comportamento do movimento operário nas fases de crise da economia capitalista, ao papel dos sindicatos. Questões que merecem a atenção dos operários com consciência de classe.

tante — que permitam a eles acumular forças para as batalhas futuras contra o capital. E a proposta de Bardella não faz nem uma coisa nem muito menos a outra.

UNIDADE SE IMPÕE

Porém na luta, e na negociação com o capital, o trabalhador precisa ter trunfos. Além de outros fatores, como o regime político, de maior ou menor liberdade para os explorados, influem neste confronto de interesses dois fatores contraditórios: um deles a concorrência entre os patrões, que pressiona os salários para cima e se manifesta com mais força nas fases de expansão econômica e redução do desemprego. O outro é a concorrência entre os operários, que pressiona os salários para baixo e se acentua nas épocas de crise e desemprego crescente.

Coloca-se então, para o movimento operário, a necessidade de neutralizar este segundo fator, de impedir que os trabalhadores, na busca de um ganho-piso, terminem concordando entre si e levando à rebatida dos salários reais. Esta tendência aumenta mais ainda em época de crise, como a atual. E a forma historicamente provada para combatê-la é a união dos operários, organizados em suas entidades sindicais de classe.

Não o sindicato, o que se impõe não é o interesse individual de cada trabalhador, em concorrência com seus companheiros de exploração. É o interesse coletivo do conjunto dos explorados, que se contrapõe ao dos exploradores. Essa comunidade de interesses, quando é forte o bastante, com uma marca de classe definida, consegue muitas vezes, mesmo em tempos de crise, fazer frente à voragem do capital. E consegue também educar os operários no antívio de um mundo novo, livre de toda exploração.

ARTIGO DO PRESIDENTE DA UNE

Aldo responde ao general da Educação

O ministro da Educação, general Rubem Ludwig, veio aos jornais neste início de ano e sacudiu a comunidade estudantil, não com propostas de soluções para a educação em crise, mas para atingir com insultos e grosserias a União Nacional dos Estudantes e seu Presidente.



Aldo Ludwig é ministro da Ignorância

O general se "surpreendeu" porque o julgamento sem atribuições e méritos para ocupar o posto, portanto um estranho no MEC. Porque entendemos sua escolha para substituir o incômodo Portella como uma manobra da gang do Planalto para intimidar estudantes, professores e funcionários e fortalecer o esquema militar com a presença de um general, e um general ligado à comunidade de segurança, no Ministério da Educação e Cultura.

ESCOLA NÃO É QUARTEL

Que surpresa, general! Ludwig! Querida, então, V. Excia., que o consideráramos mais habilitado que Paulo Freire, Darcy Ribeiro e tantos outros educadores brasileiros para ocupar o posto máximo da Educação e da Cultura no nosso país? Querida que consideráramos seu "estágio" na Escola de Guerra de Paris, sua passagem no Conselho de Segurança Nacional e outros cargos militares como títulos mais valiosos e turricado mais credenciado que o de cientistas e professores brasileiros de renome internacional, muitos dos quais ainda fora de nossas escolas por perseguição do regime ao qual V. Excia. serve com tanta abnegação? Não e não é a nossa resposta.

Por isto, então, V. Excia. vem a

público dizer que o presidente da UNE não tem "equilíbrio" para o diálogo e é "um jovem em busca da autoafirmação"? Outra característica, General, que o desaconselha para o posto: a falta de seriedade. Ao assumirmos a Presidência da UNE propusemos, porque assim tinha resolvido o Congresso de Praticada, levar nossas reivindicações ao MEC. E para isso solicitamos uma audiência a V. Excia. ainda em dezembro, como testemunhou o Senador da República Marcos Freire, de Pernambuco. Se coube a V. Excia. cancelar a audiência, assumo agora a responsabilidade de levar até o fim o caminho escolhido. Quanto a nós, não nos surpreendeu a reação. Seria de se estranhar quem se acostumou a mandar sem ser ouvido viesse agora a aceitar a convivência democrática do debate.

44 ANOS DE HISTÓRIA

A UNE, general, tem a afirmação de 44 anos de história, que toda a nação reconhece e estima. Tem o equilíbrio de 400 mil estudantes que votaram nas nossas últimas eleições apesar das pressões governamentais, e de quase um milhão que paralisaram as escolas ouvindo nossa voz de greve.

Quando a V. Excia., mire-se no exemplo de seus antecessores Portella, Riquebrieter, Simonsen etc., tão equilibrados quanto imagina ser V. Excia., que antecederam e não amanhacaram Ministros. E pense mais: não tarda a hora em que os estudantes e o povo terão um Ministro da Educação e não um da Ignorância. (Aldo Rebelo)



Chico Pinto (à esq.) e Colbert Martins falando ao povo de Feira de Santana

Bahia quer para governador Chico Pinto 82!

Colbert Martins, prefeito de Feira de Santana, o tradicional reduto da oposição baiana, concedeu entrevista à *Tribuna Operária* assegurando seu apoio integral ao lançamento do deputado Francisco Pinto para candidato ao governo da Bahia em 1982.

por anistia ampla, geral e irrestrita. Defendeu sem vacilações a implantação da CPI dos Direitos Humanos para apurar os crimes do regime dos militares. Defende a convocação de uma Constituinte livre e soberana. Defende as mais amplas liberdades políticas, a reforma agrária radical, e sempre se destacou como autêntico opositorista.

"O PMDB, que cresce por todo o Estado da Bahia — disse Colbert — tem em suas fileiras o mais sério, combativo e consequente opositorista, o deputado Francisco Pinto, ex-prefeito de Feira de Santana, deposto pelo golpe de 1964".

"Chico Pinto está sendo indicado para que seu nome seja apreciado pela futura convenção do PMDB da Bahia, como candidato ao governo estadual. O lançamento do seu nome ocorrerá em Feira de Santana, no dia 24 de janeiro, quando será realizado mais um Encontro Regional de Oposição".

TAREFA DE UNIFICAÇÃO

"O nome do deputado Francisco Pinto para governador da Bahia — prossegue Colbert Martins — já empolga os setores opositoristas da capital e do interior e contará com o apoio de parlamentares. Cabe às oposições na Bahia unificarem-se em torno do PMDB, agremiação política de tradição, que na política institucional esteve sempre firme combatendo a política desastrosa, antipopular e antimanicomial da ditadura.

TRADIÇÃO COMBATIVA

"Desde 1964 Chico Pinto não vacilou nem conciliou na luta contra a ditadura e por melhores condições de vida para o povo. Parlamentar destituído, sempre colocou seu mandato a serviço da luta democrática. Assumiu no Congresso a luta

A candidatura de Francisco Pinto, se oficializada no PMDB, será a única capaz de ter caráter popular, já que o detestado opositorista se identifica com os trabalhadores pelo seu espírito combativo". (da Sucessal de Salvador)

Operário não é animal!

Na porta da fábrica-monstro da Volkswagen em São Bernardo (37 mil trabalhadores) o medo e a revolta se misturam. "Eu trabalhava na estamparia — conta um — Sofri um acidente na mão — olha esta cicatriz aqui, foi uma folha de aço que cortou. Quando voltei do seguro fui despedido logo no primeiro dia. É normal eles mandarem embora os operários que perdem a saúde, e os que sofrem acidentes, por culpa deles mesmos".

Outro, funileiro, ainda empregado, diz o que acontece no seu setor: "Hoje foram demitidos seis. Todos lá estão nervosos. Um desses demitidos tinha 60 anos de idade, 21 anos de casa, faltando só dois para aposentar. O que esse homem vai fazer agora?" Um demitido conta: "Lá no abastecimento já foram 200 cortados, inclusive os que casaram no fim do ano, que estão cheios de dívidas".

SO LUCRO CONTA

É assim que a Volks faz os cortes na mão-de-obra. Ela não entende de casamentos, dívidas, aposentadorias. Entende de lucro. Manda embora os doentes e acidentados, os ativistas sindicais, os que estão em experiência e não têm direito a indenização. Pouco lhe importa se esta gente ainda ontem derramava seu suor, às vezes seu sangue, para cevar a Volkswagenwerk AG, a grande multinacional alemã formada no tempo de Hitler, com dinheiro do partido nazista.

ESCRAVOS MODERNOS

"Dizem que não existe mais escravidão — desabafa Seu Manoel, velho metalúrgico soldador. Mas eu, com todos estes anos de trabalho, confirmo: hoje nós temos e a escravidão moderna, que é muito pior. Somos tratados como máquinas". Ele trabalha na Volks de Taubaté, a mais de 100 quilômetros de São Bernardo, onde numas semanas foram para a rua 1.051 operários, segundo a firma, cerca de 2 mil, de acordo com o Sindicato.

Lá o drama maior é o dos trabalhadores que vieram de fora. "Deixei minha mulher em Caraguatuba — conta um — e vim pra cá. Já tinha alugado uma casa para trabalhar. Também tinha feito umas dívidas. Mas eles nem quiseram saber. Para eles a gente é bicho".

OPERÁRIOS DE RESERVA

Na segunda-feira dia 5, de manhãzinha, como todos os dias, uma fila de umas 500 pessoas esperava no portão da Volks de São Bernardo, para ver se conseguia emprego. Ninguém sabia que naquele mesmo instante, do outro lado do muro, começava a demissão em massa. Todos se apertaram como gado humano num pequeno pátio, onde um funcionário da firma fez a "seleção". Primeiro foram mandados embora os "carteira branca" (que nunca tiveram carteira de trabalho assinada). Depois, aos poucos, os outros.

Mas o funcionário lembrou a todos que era para voltar nos próximos dias. Sem senhores, a Volkswagenwerk AG fica muito satisfeita em ter 500 desempregados todo dia na sua porta. E muito bom para ela operar num país com tantos desempregados. A pressão desse exército de trabalhadores de reserva empurra os salários para bai-

A Volkswagen demitiu 3.740 operários na primeira semana do ano. Nossa reportagem foi lá, ver de perto a aflição e a indignação dos demitidos e dos empregados.



L.C. Lima

xe e os lucros para cima. É ótimo!

EXPLODE, CORAÇÃO!

Mas na fila dos desempregados um motorista, parado desde abril, adverte: "Eu faço tudo que é bico pra sustentar a mulher e os filhos. Mas quando não der mesmo, parto pra cabeça. Ai, explode coração; quem tiver dinheiro vai dividir comigo".

Para um operário do setor 1.123 da fábrica de São Bernardo, "a nossa saída é pegar em armas". Em Taubaté, um demitido se enfurece: "Tem que tacar fogo nesta fábrica, pôr estes nazistas pra correr". E outro: "Que nada, rapaz, esse monstro é nosso. Temos e que pegar a fábrica pra gente".

NÃO VÃO NEM AO BANHEIRO

Junto com o ódio de classe, há também o medo. "O chefe de família — diz um soldador — é quem fica mais preocupado. Olha, escrevi aí como ele se comporta lá dentro: se tem que ir ao banheiro, não vai, espera a hora do almoço; se quer beber água, também não vai". "O ambiente está carregado!",

depois um operário da usinagem. "Lá ruço! o trampo tá ruço!" — exclama um desempregado. E quase todos tem sempre algo a dizer contra o governo. "Não se pode condenar ninguém, só o Seu João Figueredo!". "Um presidente amoleado que nem esse... Em véspera de ano, pediu pro chefe de família pra apertar o cinto. Falou isso porque não é a barriga dele!"

(colaboraram Altamiro Borges, E. Ribeiro, Bernardo Joffily)

DESEMPREGO NA INDÚSTRIA (II)

Governo enrola quando diz que não há crise

Para Murilo Macedo, ministro do Trabalho do General Figueredo, os brasileiros não precisam esquentar a cabeça com a ameaça do desemprego. "A demissão de três mil empregados da Volkswagen — declarou ele — é um problema localizado.

Não é um problema nacional nem regional e não tende a atingir as demais empresas automobilísticas".

O ministro, porém, tem crédito zero junto aos metalúrgicos, principalmente depois da última greve e da intervenção nos sindicatos da Santo André e São Bernardo. Um operário da usinagem da Volks entrevistado pela Tribuna, foi categórico: "O Murilo não devia ter nascido. Não sei como uma mãe espera nove meses e quando nasce vem uma coisa dessas". E não são só os operários.

Joelmir Beting, comentarista econômico, ironizou assim a tese do ministro: "A Volkswagen vive uma crise particular no miolo da indústria automobilística, que experimenta uma crise também particular no interior da economia brasileira, que atravessa uma crise igualmente particular na periferia da crise mundial."

O fato de que cada emprego numa montadora de automóveis, como a Volks, sustenta outros cinco nas empresas de demissão, ou seja, somente as 3.740 demitidas na Volks tende a provocar outras 18.870.

O QUE O MINISTRO NÃO VE

Mas tem mais: na indústria da construção civil, o nível de emprego caiu 31,3% nos últimos três anos; na Companhia Municipal de Transportes Coletivos de São Paulo, houve mais de mil demissões somente de outubro para cá, segundo denúncia do presidente do Sindicato dos Motonistas, Ivan Gutierrez, em Lorena, SP, a multinacional Liebherr, também alemã, demitiu um operário em cada quatro; no Rio de Janeiro, o estaleiro Ishikawa-



Ao lado, a saída do turno da tarde da Volks; acima, a fila dos desempregados na porta da fábrica

shima, de capital japonês, anunciou a demissão de 1.500 trabalhadores.

E o quadro se completa com a recessão e o aumento considerável do desemprego no plano mundial. Nos Estados Unidos, por exemplo, a produção de automóveis em 1980 retrocedeu ao mesmo nível de 1960. E o número de desempregados no setor chegou a 185 mil, um para cada cinco empregados.

O QUE É GERAL É A CRISE

Fala-se que a Volks demitiu porque está brigando com o governo por novas facilidades e porque bobou na hora de definir sua linha de produção. É verdade. Mas isto são apenas as manifestações particulares do problema. O que é geral, e concentra a atenção dos operários conscientes, é a crise do capitalismo, que se aguçou no Brasil.

A crise, esta praga que ataca periodicamente toda a economia capitalista, manifesta-se mais uma vez. Começa, de acordo com a receita clássica, pela comercialização: há produção "de mais" para consumo de menos. Um cálculo da própria Associação dos Revendedores Volkswagen concluiu que, hoje, uma família precisa ter renda mensal mínima de 74.922 cruzeiros para adquirir um simples Fusca a gasolina. O resultado é que a revenda emperra. E na esteira dela, vão as vendas da fábrica, vai a produção e vai o emprego.

Quem colocou o dedo na ferida foi Luis Carlos Ferreira, o presidente do Sindicato dos metalúrgicos de Taubaté. "A crise da Volks — disse ele — pode ser o prenúncio da recessão econômica que poderá se abater sobre o país. E as entidades sindicais deverão assumir uma posição contrária ao fato dos trabalhadores serem os únicos a suportar o ônus dessa recessão que está por vir". Este é o xis do problema: quem vai pagar esta crise? os explorados, como até agora, ou os exploradores? os operários ou as multinacionais?

Pelego apanhado em flagrante delito

Os metalúrgicos de São Caetano, no ABC paulista, estão novamente em luta contra a fraude eleitoral no seu Sindicato. Desta vez, o pelego João Lins recorreu a duas manobras: primeiro, convocou as eleições escondido da categoria. E depois, resolveu também "votar" pelos associados, para alcançar o quórum exigido pela lei 3.347.

CONVOCAÇÃO EM SEGREDO

A lei diz que o edital de convocação de eleições tem que ser afixado no quadro de editais do sindicato e publicado num jornal da região. Mas João e seus comparsas fizeram tudo em segredo. Até membros da própria diretoria desconheciam a convocação até o encerramento do prazo para a inscrição de chapas.

Os setores que fazem oposição a Lins organizaram então uma campanha pela abstenção, ao mesmo tempo em que apelavam para a vigilância operária para evitar novas fraudes. Mas pelegos do tipo do de São Caetano não tomam jeito, na

hora da votação, a roubalheira continuou, ainda mais descarada.

200 VOTOS VIRAM 2 MIL

Na General Motors, a maior empresa de São Caetano, por exemplo, a abstenção foi um sucesso. Operários que trabalham lá e vigiam de perto a participação garantiram a Tribuna que o número de votantes nem chegou a 200. Mas João Lins operou o "milagre da multiplicação dos votos": na hora de abrir as urnas, havia mais de 2 mil! Na Brásima, pouco mais de 30 votos viraram 400.

Com este truque o pelego conseguiu "votos" bastantes para se "reeleger". Na hora da aprovação, porém, a classe não dormiu no ponto. Ficou no sindicato, vigiando tudo. Quando se percebeu a fraude, vários operários, acompanhados de advogados, pediram a impugnação dos resultados, estragando o plano de Lins, que era de queimar logo as cédulas e o livro de assinaturas dos votantes. Agora a categoria está exigindo outra eleição, limpa e com participação de outra chapa.

CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES

Entidade unitária é entidade mais forte

O Congresso da Confederação dos Professores do Brasil (CPB), entidade nacional dos docentes do ensino oficial de 1º e 2º graus, que se realiza em Fortaleza, de 24 a 30 de janeiro, pode ser um passo decisivo no fortalecimento da entidade e nas lutas dos professores.

A democratização da CPB será a grande questão em foco. O estatuto atual da entidade é extremamente antidemocrático, pois, por exemplo, as eleições para a diretoria não comportam consultas às bases nem a participação ampla das associações estaduais. Já há propostas de substituí-lo, como o elaborado pela associação de docentes do Paraná.

A democratização dará maior poder para a entidade unificar os professores a nível nacional, inclu-

sive com a filiação de várias associações estaduais que ainda se recusam a pertencer à CPB. Sem uma entidade única para os professores de 1º e 2º graus da rede oficial, será mais duro travar as grandes batalhas, como a de 12% do orçamento federal e 25% do estadual para a educação. O mesmo ocorre com as bandeiras já levantadas pela CPB, como a luta pelo fim da ditadura militar e pela Assembleia Constituinte.

Com a fundação já programada da entidade nacional dos professores universitários, o rejuvenescimento da CPB e a reestruturação da entidade dos professores da rede particular, a ideia de uma união de todos os profissionais em educação do país não será mais um sonho.

TRABALHADORES EM MARCHA

Categoria avança

Engenheiros. DF — Com sua Carta de Gramado, 16 sindicatos de engenheiros, geólogos e agrônomos de todo o Brasil, deu uma lição de consequência de fazer frente a uma categoria de maior tradição. Denunciaram desde o desemprego até o Acordo Nuclear. E ainda levantaram-se pela Constituinte, "livre, soberana e democrática". Ao lado da vitória da oposição no Sindicato de Minas Gerais, no último dia 8, a Carta foi um sinal de nova vitalidade na categoria.

CCC contra sindicato

Bancários. DF — O sindicato dos bancários de Brasília, cuja atual diretoria recentemente derrubou um antigo pelego, está sendo ameaçado pelo Comando de Caça aos Comunistas. Em carta o CCC diz que "uma bomba poderá explodir" em Adelinha, cassin, um dos fundadores do sindicato e seu presidente em duas gestões antes de 1964. (Da Sucursal).

Dia 15 tem votação

Imperatriz. MA — Nas eleições do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imperatriz, dia 15 de fevereiro, vão concorrer duas chapas. A chapa 2 lançou um bom programa, onde prevê o fortalecimento do sindicato. A cabeça da chapa, João Batista, que é delegado sindical de São Pedro de Água Branca, está mobilizando os companheiros. (Da Sucursal).

Unidade roça-cidade

Lavradores. GO — Osmano André Monteiro é o novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Goiás-Velho. No dia 7 sua chapa venceu a dos imobilistas por uma diferença de 204 votos. A nova diretoria se compromete, entre outras coisas, a lutar pelo unio dos trabalhadores da roça com os operários. (Da Sucursal).

Luta deve esquentar

Brasília. AC — A luta dos castanheiros e seringueiros pelo "empate" (suspensão da derrubada das matas pelos grandes fazendeiros) promete esquentar este ano e a greve da "justiça" e da polícia contra os trabalhadores já começou. Um pacote da Tribuna, que estava no sindicato de Brasília, foi apreendido. Continua preso João Nogueira, um dos líderes fazendeiros acusados de ter vingado a morte do líder sindical Wilson Ribeiro, matando um dos fazendeiros assassinos. E em Xanxerô, o vereador Chico Mendes (PT) está sendo enquadrado na Lei de Segurança Nacional, junto com o presidente do sindicato, Luis Damiano, acusados de "insultamento a violência". (Da Sucursal).

Light em campanha

Eletreclétricos. SP — Cerca de 500 eletricitários compareceram, dia 5, à segunda assembleia da campanha salarial. A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Energia Elétrica continua colocando obstáculos à união e luta da categoria e por isso impediu a formação de uma comissão de mobilização. A próxima assembleia é dia 16.

Fazenda Urna

Alagamar. PB — Os conflitos de terra em Alagamar continuam. Agora 25 famílias da Fazenda Urna, que lá moram há mais de 30 anos, estão sendo ameaçadas de expulsão por Emílio Rodrigues Jordão, latifundiário que se diz dono da área. Como a terra é boa para a plantação de cana-de-açúcar o risco a quem para obter os "incentivos fiscais" é a prova de como o regime defende estes ladrões de terra e que o governador do Estado, o Sr. Burity, nem recebeu uma Comissão de Entidades Democráticas que foi exigir medidas contra o grão. Sua alegação: o advogado sindical Wanderley Camê é "terrorista". (Da Sucursal).

DESEMPREGO NA INDÚSTRIA (III)

Estabilidade, e que os ricos paguem a crise!

Uma das coisas que o corte na mão-de-obra da Volks deixou claro é a falta que faz o sindicato. O de São Bernardo está desde abril do ano passado na mão de um interventor. "A diretoria que está lá não é nossa", diz um metalúrgico no âmbito da firma. "O Sindicato não existe mais, quem está lá é o governo", comenta outro.

— Isto, mais o medo de perder o emprego, dificulta a mobilização. Mas a revolta na categoria é grande e a opinião geral é de que a luta pela estabilidade no emprego vai ter que figurar com destaque na campanha salarial que começará a esquentar nas próximas semanas.

UNIÃO INTERSINDICAL

Ao mesmo tempo, houve uma reação imediata nos meios sindicais, desmentindo na prática a visão de que o problema é só da Volks.

Dois dias depois dos jornais noticiarem as demissões, 16 sindicatos já se reuniam em Taubaté, convocados pelos metalúrgicos da cidade. Nova reunião de maior peso, convocada pela Unidade Sindical, terá lugar dia 15. Um debate, assumido por vários sindicatos, foi marcado para o mesmo dia na sede dos Motonistas de São Paulo.

O panfleto de convocação do debate termina com um apelo: "Trabalhador! Trabalhadora! Contra a crise e o desemprego, não temos nada a esperar dos capitalistas nem do governo que at está. Só podemos confiar na nossa união, na nossa organização e consciência. Com estas armas, reconquistaremos a estabilidade e avancaremos para dar uma resposta realmente popular para a situação calamitosa em que vive o nosso país: os ricos que paguem a crise!"



Murilo: pior cego é o que não quer ver

Falam líderes dos canaviais

Nossa sucursal do Recife entrevistou três das mais destacadas figuras do movimento sindical rural de Pernambuco. José Rodrigues da Silva, atual presidente da Federação dos Trabalhadores Agrícolas (FETAPE) e ex-presidente de Bom Jardim. Euclides Almeida, militante sindical desde 1961 e fundador de quatro sindicatos da Zona da Mata-Norte (Nazaré da Mata, Carpina, Paudalho e Viçência), que também já foi presidente da FETAPE, hoje é assessor educacional da entidade e teve grande participação nas negociações com os patrões durante a última greve. E Severino Domingos de Lima, conhecido como Beija-Flor, sindicalista desde 1967, atualmente na presidência do Sindicato de Paudalho, um dos primeiros a puxar o cordão das duas últimas greves.



José Rodrigues, o atual presidente da FETAPE

pernambucanos, apenas 5 não sofreram intervenção, 384 dirigentes foram destituídos, muitos presos. Na minha época de presidente da FETAPE toda semana eu tinha que responder denúncias feitas contra nós na Delegacia do Trabalho, Polícia e IV Exército.

José Rodrigues: Durante os últimos anos, devido às inúmeras pressões, a maioria das lutas se deu através de reclamações individuais na Justiça do Trabalho. Foi preciso o contato com outras Federações e também tirar lições de nossa experiência para chegar à conclusão de que o dissídio não tem o mesmo poder de pressão que a utilização da lei da greve.

UM POUCO DE HISTÓRIA
TO — Quais prejuízos do Golpe trouxe para o movimento sindical?

Euclides: De 35 sindicatos rurais



Beija-Flor (de barba), de Paudalho, com Aguião, de São Lourenço

TO — E as greves, antes do golpe militar, como eram?

Euclides: Antes de 64 a situação era outra. Tínhamos delegados sindicais em todos os municípios. Antes das greves reuníamos os delegados e depois convocávamos as assembleias. A lei que a gente obedecia era o "Pare ou Pague". A legislação da época era mais branda. Hoje, com tanta burocracia dá cansaço só de falar.

UMA GREVE VITORIOSA

TO — E sobre a greve de 1980? A decisão de encerrá-la foi acertada?

José Rodrigues: Em 80 dois municípios passaram uma semana em greve e 40 ficaram dois dias, com 30 usinas paradas. Os patrões, sem alternativas de negociações, transferiram para o Tribunal o julgamento do dissídio e pela primeira vez um dissídio foi julgado no mesmo dia de sua instauração. Ora, se a greve continuasse depois do julgamento, a repressão que foi oficiosa seria oficial. Julgado o dissídio, voltamos para novas assembleias e os trabalhadores se deram por satisfeitos. Os patrões se deram por derrotados, porque renovamos a convenção do ano anterior, com alguma melhora.

TO — Houve apoio de outros setores à greve?

José Rodrigues: Aqui houve a formação de um comitê de solidariedade formado por 34 entidades. Recebemos apoio do Rio, São Paulo, sem falar de Federações de trabalhadores rurais de outros Estados.

Beija-Flor: Em Paudalho saímos pedindo dinheiro em algumas casas, a comerciantes, à Igreja. Depois, nós passamos o ano inteiro organizando a nossa própria caixa — uma insignificância, mas fizemos. E recebemos a ajuda enviada pela FETAPE.

TO — E agora, a luta continua? Qual a meta de vocês?

José Rodrigues: É a luta pelo cumprimento da Convenção. É ela que vai mostrar qual sindicato está ligado aos trabalhadores, qual tem base.



Lavradores votam quanto será a mensalidade do novo sindicato (Cr\$ 50,00)

FUNDAÇÃO DE SINDICATO - PA

Novo órgão de luta

Apesar da grande repressão do 52º Batalhão de Infantaria e Selva, 23ª Brigada, 4º Batalhão da PM, Polícia Federal, GEIAT e outros, os lavradores de Marabá, Pará, fundaram no dia 22 de dezembro último o seu Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com a presença de 400 pessoas de diversas localidades do município.

Desde janeiro de 1979 apenas uma delegacia provisória, reconhecida pela Federação, Fetagr, representava os trabalhadores. Os lavradores dizem: "Como a Federação é pelega e não queria reconhecer o nosso sindicato, conseguimos assim mesmo. Agora podemos enfrentar

melhor os inimigos: GETAI, IBDF, o juiz, a polícia, os grileiros". A Federação pelega nem dava cobertura para a delegacia sindical, que por isto passou a ter contatos diretamente com a CONTAG.

Estavam presentes à Fundação representantes de Murumuru, Pau Seco, Viraçãozinha, Cachoeira Grande, Café, Brejo do Meio, Jatobá, Quilômetro 15 da PA 150, Grota Vermelha e Quilômetro 12 da PA 70, onde está sediado provisoriamente o Sindicato. Nestas localidades já existem delegacias sindicais, que agora serão melhor estruturadas.

(da Sucursal).

ASSEMBLEIA DESTITUIU PRESIDENTE - BA

"Desandou cai no pau"

Reunidos em assembleia geral, que contou com a supervisão da Federação dos Trabalhadores Rurais, os lavradores associados do Sindicato de Guanambi, Palmas de Monte Alto e Malhada, no sertão da Bahia, decidiram depor o presidente do Sindicato, Edvardes Monteiro, que havia sido eleito há um ano. Edvardes, que parecia pela vaidade descomburar para o peleguismo e o roubo. Esqueceu-se do aviso dado pelos lavradores quando o elegeram: "Edvardes, você vai pro sindicato, mas se desandar cá no pau".

No último dia 29 foi realizada uma importante assembleia, com o sindicato lotado. Os associados exigiram a prestação de contas e lá estava, bem claro, o roubo de 73 mil cruzeiros.

Edvardes levou em conta dúzia de pessoas de sua confiança para baunçar a reunião e tentou registrar uma chapa de candidatos "seus", mas já não adiantava mais. Foi destituído pela assembleia.

O Sindicato de Guanambi tem agora em sua diretoria líderes autênticos e testados na luta dos trabalhadores. Foram eleitos: para Presidente, Zé do Doutor; secretário, Antônio Mineiro; Tesoureiro, Tonhão. A palavra de ordem principal para a nova diretoria é a luta pela Reforma Agrária Radical.

(Do Correspondente em Guanambi, BA)

ITAPIPOCA - CE

Atormentam a vida dos lavradores

Manoel Ferreira Matos, mais conhecido como Casca Grossa, dono de 22 grandes fazendas em Itapioca, Ceará, comprou em 1979 umas terras de Maria Mesquita, onde moravam 16 pessoas. Queimou o canavial e plantou capim, colocou 200 cabeças de gado, derrubou duas casas e está ameaçando expulsar os moradores.

Desde outubro daquele ano, existem allí jagunços, armados de revólveres, espingardas e facões. Afinal, o fazendeiro Manoel é dono do maior supermercado de Itapioca e de um grande armazém em Fortaleza, tem muito dinheiro para atormentar os moradores. O pior é que a prioridade de compra era dos moradores, o preço da terra foi de 180 mil cruzeiros e os 16 moradores ofereceram 250 mil. Esse dinheiro está depositado na Caixa Econômica, a mando do Juiz de Direito. A questão se arrasta na Justiça.

Em novembro passado, os moradores fizeram denúncias numa rádio de Fortaleza. A polícia foi informada da existência de jagunços armados, foi ao local e os desarmou. Nada adiantou e as ameaças continuaram. Com a denúncia dos moradores a Casca Grossa entrou com um processo contra os agricultores, inclusive diretores do Sindicato, acusando-os de calúnia. Todos confirmaram as denúncias nos depoimentos.

COBERTURA DO PDS

Outro desordeno que tem dado trabalho aos lavradores de Itapioca e seu sindicato é o jagunço Caxilê. No dia 18 de dezembro, o secretário do Sindicato, Eudálio P. Mesquita, foi ameaçado de morte por Caxilê. Posteriormente a polícia o prendeu. Aconteceu que o jagunço é amigo do prefeito da cidade, o Dr. Geraldo, que o soltou.

O motivo da ameaça é que o sindicato tem defendido o trabalhador Raimundo Jacó, que teve sua casa derrubada por Caxilê. Nesta ação é conhecido o fato do capangui ter utilizado material, picaretas e xibancas da Prefeitura. Toda a curulão do PDS de Itapioca está unida contra os moradores da cidade. (Da Sucursal)

INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

Greve Geral no Peru

Lima — As quatro principais confederações de trabalhadores peruanas, com mais de 1,5 milhão de membros, realizaram dia 15 uma greve geral de 24 horas contra o aumento dos preços dos alimentos e combustíveis. As altas fazem parte do "plano de austeridade" do governo, para aumentar o sacrifício do povo em função dos lucros dos exploradores.

Presente das Brigadas

Roma — No dia 13 passado, expirou o prazo dado pelas Brigadas Vermelhas para manter com vida o juiz Giovanni D'Urso, seqüestrado há três meses, sem que sua principal exigência — a publicação de dois manifestos pelos maiores jornais do país — fosse cumprida. Dessa forma, a sorte do juiz parece estar selada, o que representará um novo pesadelo para BRs fascistas e reacionários italianos, ansiosos por ações desse tipo para justificar uma nova escalada direitista no país.

"Ame-o ou deixe-o"

Montevideu — Os militares uruguaios não têm a mínima imaginação: depois da sua derrota em recente plebiscito, realizaram um torneio de futebol e, surpresa!, venceu o Uruguai. Assim como o Brasil venceu a Copa de 1970 e a Argentina a de 1978. A receita é sempre a mesma: se não há apoio do povo, sempre se pode recorrer ao utanismo mais rastaquera.

Demissões e repressão

Johannesburg — Cerca de 350 operários negros sul-africanos da fábrica de fitosforos Lion e da multi- por terem feito greve por melhores salários. A alegação para as demissões já é velha conhecida: "Os grevistas tentaram intimidar os demais trabalhadores". Já a repressão policial que feriu vários dos 400 operários negros em greve em outra fábrica foi considerada um "ato normal".



Albânia: o socialismo de verdade

Ultimo artigo



O Partido do Trabalho

"O guerreiro vitorioso", escultura albanesa. Foi na guerra antifascista que nasceu a unidade entre o povo e o Partido

TAREJA DE TODO DIA

Esta unidade nasceu nos anos tormentosos da II Guerra Mundial. O povo albanês, avassalado pelos ocupantes fascistas italianos, sonhava com a liberdade. O PTA, fundado em novembro de 1941, lançou-se logo à luta contra o invasor e impôs-se em pouco tempo como seu dirigente. A guerra antifascista de libertação nacional, com seus episódios de heroísmo e seus 28 mil mártires, selou com sangue a união entre o povo e o partido.

Depois da libertação, o PTA assumiu as rédeas do país e encaminhou-o rumo à construção do socialismo. Mas não dormiu sobre os louros. Não se contentou com seu prestígio e sua unidade com o povo como algo pronto e acabado. Continuou trabalhando duro neste sentido. E mais ainda depois que o exemplo negativo da União Soviética e outros países mostrou que o socialismo pode

EL SALVADOR

Arrancada para a insurreição

A luta do povo de El Salvador, apesar de estar em acelerado movimento, ocorre em um contexto internacional no qual o imperialismo norte-americano ameaça ir às últimas consequências para impedir novas derrotas, o que torna ainda mais importante a solidariedade de todos os povos aos salvadoreños.



Grande disposição de combate nos salvadoreños insurretos

"Povo de El Salvador, micamos a libertação nacional. Está na hora de procurar material inflamável e sair às ruas. Pátria livre ou morte". Esta declaração foi transmitida dia 11 último, quando guerrilheiros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) ocuparam diversas emissoras de rádio na capital e cidades do interior, dentro da ofensiva geral deflagrada contra a junta de governo.

Os sucessivos ataques guerrilheiros antecederam uma greve geral convocada pela Frente Democrática Revolucionária (FDR), principal organização de massas do país, e apresentaram uma arrancada para a insurreição popular contra o governo da oligarquia latifundiária local e o imperialismo norte-americano. Mas isto não significa que a vitória já esteja ao alcance da mão. Ao contrário, a luta do povo salvadoreño deverá ser ainda mais árdua, pois os Estados Unidos se mostram dispostos a tudo para impedir o surgimento de uma nova Nicarágua no continente americano.

ABERTO GENOCÍDIO

A isolada junta de governo, composta por militares fascistas e membros do reacionário Partido Democrata Cristiano, prossegue em seu massacre desenfreado contra a população, mergulhando o país em um banho de sangue. Em 1980, cerca de 12.400 salvadoreños foram assassinados, em sua maioria camponeses, operários e estudantes, de 16 a 30 anos de idade. Estes crimes são cada vez mais sádicos: várias crianças, filhas de membros da FDR, foram capturadas pelos mili-

tares, que só se libertam quando os pais se entregam para serem mortos. É a "Operação Herodes".

SÉRIAS AMEAÇAS

A violência desmedida dos militares se deve em boa parte ao sólido apoio que passaria a ter por parte dos Estados Unidos a partir do dia 20, quando assume o reacionário presidente Ronald Reagan. O seu futuro secretário de Estado, general Alexander Haig, já fez uma clara ameaça de intervenção afirmando que Washington fará tudo para "conter o aventureirismo na América Central". Outro assessor de Reagan, Kirkpatrick, declarou ao jornal New York Times que a ajuda militar norte-americana ao regime salvadoreño será aumentada.

Mesmo sob o governo de James Carter, a ajuda militar dos Estados Unidos às ditaduras da América Central foi acelerada, através do pacto militar CONDESA. Os militares da Guatemala e Honduras estão sendo pesadamente armados, e tropas deste último país, já assustaram inúmeros camponeses salvadoreños na fronteira. Também o governo de Israel, que já auxiliou a ditadura de Anastasio Somoza na Nicarágua, está colaborando nos preparativos para uma intervenção militar em El Salvador.

dos democratas-cristãos, interessados em apresentar seus correligionários de El Salvador como uma alternativa de poder. O governo democrata-cristão da Venezuela, por exemplo, está diretamente implicado no apoio a repressão em El Salvador, distração de dinheiro que aconteceu durante o conflito da Nicarágua. E os democratas salvadoreños julgam que há o risco de que os Estados Unidos obtenham o apoio da OEA para seus planos intervencionistas.

SOLIDARIEDADE

Diante dessa séria perspectiva de intervenção, a solidariedade ativa ao povo salvadoreño assume uma importância crucial, pois o resultado da luta nesse país influirá no plano de libertação dos povos da América Latina e do mundo em geral. Os membros da FDR pedem que essa ajuda seja prestada através de campanhas de denúncias dos crimes cometidos pela junta, de esforços para que todos os governos reconheçam a FDR como força beligerante, ou seja, acatem o direito do povo de El Salvador de lutar por sua libertação sem intervenções. Além disso, pedem todo o apoio político e material possível, o que já vem sendo feito pela Nicarágua, seu ministro do Interior, Tomás Borge, advertiu que "qualquer intervenção em El Salvador será considerada como uma intervenção na Nicarágua".



Estamos nos aproximando do 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Por isso, voltamos a conchamar as operárias, camponesas, donas de casa, estudantes, para que escrevam para nossa seção. O 3º Congresso da Mulher Paulista está sendo preparado. Seria importante que as participantes escrevam, contando o que ocorre. Falem da exploração, da discriminação da mulher em todos os campos. Ajudem nosso jornal a chegar às mulheres, um dos setores mais oprimidos da população. (Olivia Rangel)



SECURITARIOS-RJ

Falta de segurança

No ano de 1980 voltou a imperar entre todos os companheiros securitários a intranquilidade e a insegurança. Os patrões criaram um clima de terror e medo entre todos os companheiros com as demissões em massa ocorridas em 1980 e em 1979. E pelo que parece novas demissões ocorrerão neste início de ano.

Nosso sindicato, com uma diretoria pelega e cheia de puxa-sacos vem se mantendo nos cargos graças à indiferença, ao desleixo e às inúmeras injustiças cometidas em relação aos trabalhadores.

Os pelogos estão no sindicato há mais de 10 anos. Ganham um ano as

eleições porque nós, trabalhadores que nos oprimos aos traidores da classe operária, não conseguimos nos organizar e formar uma chapa de oposição. Mas na próxima eleição tiraremos esses pelogos corruptos do nosso sindicato.

Queremos aproveitar para citar os nomes dos traidores que estão acobertados por uma estrutura sindical fascista e pela ditadura militar. São eles: Júlio Meandro de Carvalho e Alvaro Mas nos, trabalhadores securitários, prometemos na próxima eleição desbançar os fascistas corruptos.

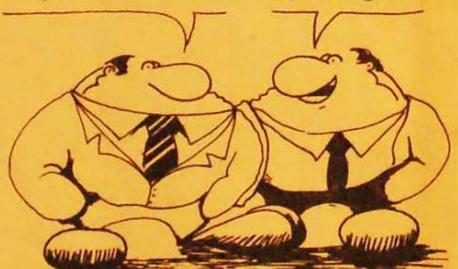
(Trabalhadores securitários amigos da TO - Rio de Janeiro, RJ)

TRABALHADOR DA CAPEMI-BA

Chefia é só para dedo-duro

Na Capemi para ser admitido, é necessário concurso público. Mas para continuar trabalhando é preciso ser submisso ao máximo, não se pode questionar nada, tudo que for dito pelos "chefes" deve ser assumido como verdade. Se não, se cai fora. A repressão é demais, tudo que se faz os chefes terminam sabendo e o incentivo ao dedo-duroismo e puxa-saquismo é muito grande, pois para se chegar à chefia não é preciso qualidades.

PRA SER CHEFE BASTA SER O QUE É PRECISO? FASCISTA.



Alguns colegas mais velhos acham que estar trabalhando ainda com o desemprego e um malagre, pois isso é o que dizem todos os diretores e chefes quase todos militares que pensam estar nos quartéis dando ordens a soldados. Não existe o menor respeito com o baixo escalão de empregados. O salário lá é nivelado, não importa o cargo, menos para os chefes.

Aproveito para perguntar o que a Capemi faz com tanto dinheiro,

pagou conforme artigo interno no contrato. Ouero ardecer a todos os colegas que me apoiaram e repudiar todos os dedos-duros. Espero que as pessoas que têm dignidade, continuam reivindicando o direito mais elementar ao homem que é a liberdade de expressão e de organização, lutem por um salário digno. Abaixo a tirania!

(J.B.S. - ex-empregado da Capemi Salvador, BA)

SOCIEDADE AMIGOS DE BAIRRO-SP

Não para promover o prefeito

A diretoria reacionária de Presidente Prudente montou uma Sociedade de Amigos no conjunto Habitacional Barroloresco Bueno de Miranda.

Esta Sociedade nada mais visa que promover o prefeito Paulo Constantino e alguns diretores da mesma. Esses mesmos diretores andam dizendo que serão coroados candidatos a vereador nas próximas eleições. O prefeito e esses vereadores se esquecem da real função de uma sociedade, que é de lutar pelos interesses do povo do conjunto habitacional.

De início, marcaram uma reunião logo após uma missa para discutir a possibilidade de criar uma sociedade de amigos de bairro. Em dado momento, apareceu um vereador do esquema do prefeito com uma lista de nomes e pediu aos presentes (uma minoria para

baterem palmas logo após a leitura dos nomes. Isso acontecendo, estava eleita a diretoria. Não sequer se falou em estatutos, etc.

O fato é lamentável, porque nunca se viu eleger uma diretoria sem convidar o povo para discutir e convocar uma assembleia geral na qual os diretores seriam eleitos.

A primeira atividade da "sociedade" foi promover o nome do prefeito Paulo Constantino através de um abaixo assinado e uma manifestação pedindo ao chefe do executivo para não cobrar o adalfo do conjunto habitacional. Essa manifestação e este abaixo-assinado foram frutos de um acordo entre o prefeito e a famigerada sociedade de amigos.

Mas aconteceu que o asfalto tinha sido doado pela prefeitura quando da

inauguração do conjunto habitacional e os próprios vereadores testemunharam esta doação. A sociedade não se preocupa com problemas que afetam realmente os moradores, como as erosões, falta de cobertura nos pontos de ônibus, conservação do asfalto, etc. A sociedade não se preocupa com a avenida principal, que já fez uma vítima devido à má sinalização e abuso dos motoristas irresponsáveis.

E assim os pelogos estão infestando nosso conjunto habitacional de ideias fascistas que prejudicam os moradores. Aqui no conjunto um grupo de oposição com ideias democráticas está lutando contra os pelogos, que logo perderão o lugar para o povo que luta por uma sociedade mais justa e humana.

(A.A. - Presidente Prudente, SP)

OPERÁRIOS DA GASBRÁS-SP TÊXTEIS DE RIO LARGO-AL

Vida de escravo

Trabalho na firma "Super Gás Brás" de Petrópolis e quero denunciar algumas saladeiras que são comendadas ali dentro. Trabalhamos durante todos os dias subindo morros e escadas. Quando chegamos ao fiscal da nossa rota somos obrigados a descarregar carreta até de madrugada, sendo que o braçal vai pra rua no lugar do ajudante.

Isso eles não pedem, eles exigem que os funcionários ajudantes peguem nas carretas, sendo que o ajudante ganha apenas 2 horas extras e o braçal tem hora extra corrida. O sr. Batista é analfabeto e é o safado maior lá de dentro, nos trata como escravos.

(Um funcionário da Super Gás Brás de Petrópolis, RJ)

OPERÁRIO DA EMAG-RJ

Vítima é a culpada

Foi no dia 12 de dezembro que aconteceu mas um acidente grave na Emag, acarretando três dias após a morte do operário Neuman.

O fato aconteceu por falta de uma fiscalização de segurança adequada a um estaleiro de grande porte como é o caso da Emag.

O operário Neuman estava para iniciar sua jornada de trabalho na parte da tarde quando foi ao seu matão de ferramentas para retirar o material de trabalho. Ali foi surpreendido pelo guidaste que o esmagou contra o malão e uma viga, acarretando assim uma fratura na bacia e o deslocamento de grande parte de seus ossos internos.

Como sempre o acidente foi comentado pela chefia e chegaram a conclusão de que o único culpado era o operário. Isso não é verdade, pois os malões estavam localizados erradamente entre os trilhos do guidaste e o guidaste estava sem o alarme de segurança.

Esta e uma das falhas visíveis aos olhos dos operários. Outro problema que teve de ser visto também é a péssima qualidade da comida. Enquanto a chefia reacionária como camarão no espeto para não trabalhar e só explorar, os pelogos comem lavagem para serem explorados.

(Um operário de Emag - Rio de Janeiro, RJ)

Patrão ludibria operários

A fábrica de Fiação e Tecidos de Rio Largo, que há 93 anos opera nesta cidade, fechou suas portas há 45 dias. Alegando falta de financiamento por parte do governo o cidadão Paiva optou pelo fechamento da fábrica.

Este fato causou danos terríveis aos operários da cidade, trabalhadores da fábrica.

Se antes eles tinham que pescar e caçar para sobreviver, com a ajuda das mulheres que lavavam roupas, agora, desempregados, vivem cada vez mais próxima de si a ameaça de fome e da miséria.

A empresa, com a desculpa de que falta recursos, tem ludibriado os operários, pagando-lhes quantias insignificantes, muito abaixo do que deveria ser pago, e dando-lhes casas caídas aos pedaços como parte das negociações do "acordo", o qual só serve aos patrões.

O sindicato, nas mãos do pelego José Vicente, fechou suas portas



Fábrica de Tecelagem de Rio Largo fechada e o protesto aos operários

aos trabalhadores. O pelego vem contando nos seus atos com o apoio do delegado regional do Trabalho, José de Barros Sagemento.

Diante disso, uma comissão formada por autênticas lideranças sindicais e operárias tomou a frente da luta. A comissão dirigiu-se ao Movimento Trabalhista do PMDB e à Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos, obtendo total apoio e solidariedade para a luta.

Uma reunião transformada em assembleia permanente da categoria decidiu pela abertura do sindicato em caráter também permanente.

Porem, o pelego José Vicente, em conchavo com o delegado Sagemento, permitiu a abertura do sindicato somente de dia, horário em que os trabalhadores estão tentando arranjar algum sustento.

Um dos componentes da comissão pronunciou-se no lançamento do PMDB aqui, no dia 13 de dezembro, proclamando a classe a se unir, "pois só assim poderemos enfrentar as manobras do capital e do governo, o grande culpado pelos acontecimentos" (P.B. e G.C. do grupo de apoio à TO em Rio Largo).

OPERÁRIA DA MALHAS MODELO-RJ

Modelo, só de exploração

Trabalhei durante quase 12 anos na Malhas Modelo de Petrópolis. Foi explorada durante todos esses anos em que lá trabalhei, sendo obrigada a trabalhar de segunda a sábado, mesmo doente, fazendo 74 horas por semana para não perder o domingo. Mas nunca recebi o domingo, nem eu e nenhum funcionário lá de dentro.

O tempo todo que trabalhei lá nunca pude retirar o meu PIS e agora que sai de lá não pude pagar nem 10 centavos dos anos todos que trabalhei e tenho direito por lei, porque eles nunca depositaram.

Se a gente pede para eles, eles enroscam sempre dizendo que está no Maranhão e acaba não dando.

Se fomos ao médico e chegamos 1 hora depois do horário,

mesmo com receita e atestado médico perdemos o domingo também. Trabalhamos de 7 às 19 hs e no sábado de 7hs ao meio dia para recebermos apenas 55 horas, quando recebemos. Temos dois cartões de ponto, sendo um para controlar o nosso horário e somos nos que batemos. O outro é apenas para a fiscalização e lá encontramos o horário determinado pela lei. Esse cartão é controlado pelos patrões, são eles que batem o ponto, a gente não vê nem o cheiro.

Os fiscais que vão fazer a fiscalização são todos comprados e explorados para encobrir a exploração ali dentro. E quando a gente fala alguma coisa, eles dizem que a lei brasileira é comprada e os patrões têm dinheiro. Dentro da concepção deles quem faz a lei são eles.

Os menores que trabalham lá dentro há mais de dois anos nunca tiveram carteira assinada e não têm direito a médico nem a nada. Quando são mandados embora, não têm direito a nada.

Somos tratadas com baixos salários. E quando entramos no escritório para reclamar alguma coisa, somos colocadas pra fora e contatadas. Quando pedimos a conta somos pressionadas e temos que pedir o aviso prévio pelo sindicato. Eles prendem nossos documentos dois ou três meses. Temos medo até de pedir a conta, porque a humilhação que sofremos é demais. A pior palavra para eles é sindicato, eles não aceitam ninguém sindicalizado.

(Uma operária da Malhas Modelo Petrópolis, RJ)

Unir toda categoria

Conversando com um grupo de operários na porta da Fábrica de Tecidos Nova América, um deles diz: "Nosso sindicato é muito fraco, os companheiros não se sindicalizam, a não ser uma pequena minoria. Se toda a categoria se unisse e junto a nós, todos os trabalhadores do Brasil, criássemos uma central sindical e seríamos muito mais fortes".

Outro operário, que escutava a conversa, retrucou: "ai é que está o problema. As leis que existem no país são feitas pelos militares e patrões, justamente para impedir que nós nos organizemos, pois sabem que assim seríamos uma classe muito forte e unida. O que precisamos fazer é lutar para que o operário, o camponês e o povo participem da feitura de novas leis, onde o direito do trabalhador tenha vez".

São os trabalhadores hoje os mais interessados em participar da luta por uma nova Constituição para o país, pois essa que ali está só interessa aos militares e aos patrões. E é usada para impedir o operário de se manifestar. Chegou a hora da união e luta pela liberdade!

(Vendedores da TO na Fábrica de Tecidos Nova América Rio de Janeiro, RJ)

ATAUÇAO DO PREFEITO-PE

Prefeito é um ditador

O município de Serra, interior de Pernambuco, está entregando aos caprichos pessoais de uma pessoa: o prefeito José Humberto Camejo Sampaio. Vejamos.

A Câmara Municipal não funciona quando há reuniões, o prefeito manda buscar os vereadores para a sua casa, em seu carro, e para assinar papéis previamente preparados por ele. José Humberto é um verdadeiro ditador, pois exerce as funções de padre, juiz, promotor, comissário de polícia, etc. E só anda acompanhado de pistoleiros.

Somando todos estes poderes, não poderia ser outro o tratamento dispensado às professoras: não existem grupos escolares nos distritos; as professoras ensinam em suas próprias residências, ganhando apenas 320 cruzeiros por mês. Ainda assim, o salário só chega com atraso. Se acontece de alguém reclamar, o todo-poderoso ameaça com demissão, pois exige fidelidade política.

(Um amigo da Tribuna - Serra, PE)



MOVIMENTO DE FAVELAS-SP

Devagar se vai ao longe afirmam os favelados

Nosso movimento começou no fim de 1979, quando apareceu em nossos bairros um comitinho dizendo: "Venha participar de um encontro para discutir os problemas de luz, água, creche e desapropriação".

A gente calculava que viriam no máximo umas 50 pessoas ao encontro. Nosso espanto foi grande quando vimos que vieram quase 500 pessoas ao encontro, não cabendo todas no local. Tivemos que transformar a reunião em assembleia. Dessa assembleia começamos a organizar comícios na favela.

Houve uma marcha na 1ª reunião o povo pensou que ia ligar a água e a luz no outro dia. Quando viram que a luta é demorada, muitos desistiram de lutar. Mas muitos outros continuaram se reunindo com a ajuda do padre Nataldo Direux e das Irmãs. Dai surgiu a ideia de formar um associação dos favelados de Jabaquara e começamos a trabalhar para unir e organizar o povo da favela. Surgiu também a ideia de fazer um salão na própria favela. O sr. Alcides assumiu, com a ajuda do Acácio, do Geraldo, do sr. Francisco e outros favelados. Enquanto fomos construindo o salão, a gente

foi organizando as comissões na favela, porque ela é muito grande.

Fomos lutando e organizando o povo na luta pelas conquistas mais imediatas, que eram água e luz.

No dia 2 de junho de 1980 conquistamos água e luz para algumas partes da favela. E no dia 20 de dezembro foi inaugurado o salão S. Benedito, levantado através de mutirão. E já existe a Associação dos Favelados do Jabaquara, com sede na Cidade Leonor.

De vez em quando o favelado ainda acorda assustado com medo de ser despejado por grileiros e falsos donos do terreno, especuladores imobiliários. Quando isso acontece, são logo chamados a diretoria da associação, que junta os favelados do local e de outras favelas, padres, advogados e políticos. A gente organiza os piquetes para segurar a polícia e os grileiros.

A nossa vida é assim. Cheia de tristeza e alegria. Tristeza de ver que alguns companheiros ainda não dão importância à união e à luta da associação. É alegria pelas vitórias conquistadas, como a água e luz.

(Claudionor, favelado São Paulo, SP)

GRILAGEM EM MURITUBA-BA

Com um pé na frente e outro atrás...

Durante os dias 15, 16 e 17 de dezembro esteve em Itaperua do Lima, município de Itapicuru, uma comissão do Inera. O porta-voz e chefe dessa comissão, engenheiro agrônomo Dr. Marcos Sa Ferreira, apresentou-se dizendo que, como representante do órgão, estava ali para iniciar um levantamento de dados sobre a luta dos posseiros da Fazenda Grande e Murituba contra o grileiro Agnaldo César do Nascimento.

Ao tempo em que demonstrava muita "isenção e neutralidade", como se diz aqui no sertão "sem ser carne nem peixe", retirava de sua bagagem numerosas fichas para serem preenchidas com dados relativos a cada posseiro e também pelo grileiro.

Desconhecidos dos verdadeiros objetivos dessa comissão, mesmo assim animaram-se os posseiros para mais uma vez demonstrarem o seu espírito de luta, desse no que desse. Reuniram-se em assembleia em casa de Ziza, um dos posseiros, e decidiram que se apresentariam todos com suas famílias, seus instrumentos de trabalho, documentos da terra (alguns têm) e uma carta ao presidente do Inera, na qual confirmavam seu propósito maior: só o remove de Murituba a morte. (I.C.A. - Itapicuru - BA)



SITUAÇÃO DOS ÍNDIOS-RJ

Índio também é gente

Todos nós temos consciência do que vem acontecendo com os índios nos dias atuais. É ao mesmo tempo temos notado que as medidas que deveriam ser tomadas em prol da resolução de tais problemas não têm sido adotadas. Isso porque não existe um real interesse por parte do governo, que só contribui para a piora da situação.

journal, não se dando portanto devida importância ao assunto. E bom lembrar que isso aconteceu pelo fato de termos nossos meios de comunicação praticamente nas mãos das empresas multinacionais, essas que, como todos nós sabemos, visam apenas a exploração e a escravização do nosso povo e ao mesmo tempo o roubo das terras indígenas e suas riquezas.

Ao mesmo tempo, vemos que existe por parte da imprensa burguesa uma certa convicção com os exploradores. Vejamos por exemplo: todos nós tivemos conhecimento do massacre de alguns posseiros na região sul do Estado de Mato Grosso e norte do Paraná. Conforme todos vimos, tal fato foi divulgado em todas as primeiras páginas de revistas e jornais, além do rádio e televisão, procurando-se através disso criar uma imagem negativa dos índios. Não presenciamos o mesmo quando da morte de seis crianças indígenas à ingestão de águas poluídas pelas indústrias. Viu-se apenas umas poucas linhas escritas num canto qualquer de

Vejamos, por exemplo, houve revistas que fizeram o maior sensacionalismo com as fotos do massacre dos posseiros. Agora pergunto: porque não se fez o mesmo com a morte das seis crianças índias? Porque não se fez o mesmo com os milhares de índios que já foram e continuam sendo mortos?

E chegou o momento de nos unirmos e partirmos juntos para uma luta real e concreta no sentido de mudarmos, de defendermos aqueles que representam as nossas origens e que são os verdadeiros donos das terras e das riquezas desse país. (C.L. - Rio de Janeiro, RJ)

VIOLÊNCIA DA POLÍCIA DO EXÉRCITO-DF

Um bode expiatório

Um jovem de 16 anos foi morto recentemente por uma sentinela da Polícia do Exército, em Brasília, durante um passeio de motocicleta. Seu primo, colaborador da TO em Taguatinga, enviou-nos a seguinte carta.



Ernandes Linhares



Mãe de Ernandes, morto pela PE

Ernandes Linhares, filho de servente da Fundação Educacional, família de gente humilde vinda do Nordeste, era mecânico de moto, pois sua pequena idade o impedia de colocar-se numa firma, por menor que fosse, uma vez que nenhuma firma se compromete com ninguém em idade militar. Morreu como um passarinho abatido, uma caça fácil para um franco atirador em dia de competição. Mais uma vida foi ceifada! A quem condenar? Ernandes Linhares morreu e sua mãe, como ave que perde o filhote, sente sua perda irreparável e pergunta, como tantas outras já perguntaram: quem matou meu filho e porque? Ele estava fazendo o que tantos outros jovens fazem nessa mesma área quando se dirigem ao tal Pandiá Calogeras. Estava de moto com outros dois companheiros.

Os companheiros são filhos de militar. Um passeio de motocicleta como tantos outros, indiferentemente da hora ou fatidico. Mas o fato de ser área de segurança não justifica o ocorrido, uma vez que tantos outros vão passear nesta área. Ernandes terá sido o bode expiatório.

Ernandes Linhares morreu e sua mãe só quer ter o direito de saber quem matou seu filho e por que

razão. E o Exército se diz o único competente para exercer a investigação e as diligências para apurar o dito caso.

Ernandes morreu nas circunstâncias vivas na lembrança daqueles que o conheceram, principalmente na lembrança de sua humilde mãe, que não quer simpatizar, só quer perguntar a quem matou seu filho se ele não foi filho também e se nunca será pai. (N.R.S. - Taguatinga, DF)

GRILAGEM EM GUARDA-MOR-MG

Eles é que deviam ser punidos

SE AS NOSSAS REIVINDICAÇÕES NÃO FOREM ACEITAS, VAMOS DESCER O PAU.



Zé Cruz

Dona Maria Abadia, trabalhadora rural na Fazenda Cumprido, município de Guarda Mor, Estado de Minas Gerais. O despejo feito com ação judicial na forma da lei, continua com a cobertura da polícia. Maria Abadia se viu com todos os seus objetos destruídos, inclusive os utensílios domésticos, que foram todos queimados. A casa e até animais domésticos foram queimados, as plantações foram destruídas com tratores. As cercas que levavam as plantações não existem mais, pois foram destruídas e o arame foi carregado para a delegacia de polícia da mesma cidade.

A trabalhadora rural vivia dessas plantas e hoje a ameaçam a fome e outras desgraças, com os sofrimentos e o desabrigo em que se encontram ela e seus cinco filhos, sendo o mais velho de 16 anos e o mais novo de 8 meses. Agora pergunto: em que país estamos? Trabalhadores rurais, índios e dirigentes sindicais são abatidos, caçados, presos, julgados e coagidos com as leis de exceção que estão aí para reprimir,

mas somente o pobre, pois os ricos matam, roubam e violentam e nada têm contra eles. Para quem vamos reclamar esta triste situação brasileira?

Mas não é só em Guarda Mor que estão acontecendo estas calamidades, mas também em Paracatu,

Unai, Presidente Olegário, Buritis, Arinos, Vazante, Lagamar e Coronápolis, onde a violência aumenta a cada dia. A soma de despejos e ameaças já atinge nesta cidade a mais de 100 famílias o que significa aproximadamente 800 pessoas. O presidente do Sindicato de Paracatu afirma que o número de pessoas

despejadas é tão grande que não dá para relacionar o nome de todas as fazendas, produtores e trabalhadores.

Os trabalhadores rurais estão vindo isto como um desrespeito aos direitos humanos e também como abuso de autoridade. Por outro lado culpam também o governo de não estar executando o Estatuto da terra que está há 17 anos servindo de orientador do êxodo rural. Pergunto: será que a Lei do Estrangeiro vai expulsar os que esbulham os direitos dos trabalhadores rurais? E para onde vão os pequenos agricultores que têm suas terras griladas e suas famílias despejadas? É preciso que tudo isto seja observado, pois os que orientam os trabalhadores rurais sobre seus direitos são banidos e expulsos. Esta é a atitude do presidente do sindicato, que o mesmo tempo denuncia aqueles que não respeitam os direitos aos trabalhadores e estes sim é que deviam ser perseguidos, presos e punidos. (Manoel Monteiro dos Santos - presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paracatu - MG).

SITUAÇÃO DO POVO DE TOLEDO-PR

Suor e sofrimento

Moro em uma das maiores regiões econômicas deste Estado ou talvez do país. No entanto a população tem um dos menores poderes aquisitivos desta região do Oeste. Toledo possui o maior abate de suínos e aves da América do Sul (Frígolias-Sadio). E também o maior produtor de soja e trigo do país, segundo de semente de mamona, algodão, feijão e milho.

Nossa cidade é a maior produtora de suínos e aves. Apesar disso, o povo aqui é sofrido, sua pele nem sente mais o suor do trabalho e sim sangue do sofrimento. Nossos filhos nem vão à escola, porque não têm dinheiro para comprar um lápis. Escola aqui é para privilegiados. Escola pública só existe nos poucos de 1º grau. As demais são particulares que custam o olho da cara. Na Faculdade, entra gente sem dinheiro, pois suas mensalidades custam acima de 4 mil cruzeiros.

Agricultura é dominada pelos grandes latifundiários, que empobrecem os pequenos transformando-os em bóias-frias.

O prefeito, não sei qual o melhor qualificativo para ele, se é corrupto, demagogo, fascista ou perseguidor dos oprimidos. O sujeito quando não gosta de alguém, é melhor sair da cidade. Isso porque no outro dia essa pessoa está na rua da antiguidade e as portas de outras empresas estão fechadas. Em outras palavras, o donatário que nos governa é o que manda juntamente com seus cúmplices, fanáticos fascistas do PDS a começar pelo prefeito Duílio Genarini, pelos vereadores Iair Frasson, Ernando De Conto, Pedro Lartaro.

Todas essas pessoas e mais outros deviam ser castigados que eram para ser aplicadas em benefício da cidade. Vivem em plena monarquia, em viagens de negócios com o dinheiro do povo. Todo e qualquer deslocamento de uma cidade para outra e só de avião, bem como para a capital do Estado, dias à Brasília etc.

(D.G. - Toledo, PR)

SITUAÇÃO DE SAÚDE EM QUEBRANGULO-AL

É preciso criar a oposição

QUANDO O PDS POE A MÃO EM QUALQUER ÓRGÃO PÚBLICO, COMEÇA A CORRUPÇÃO A EXPLORAÇÃO ETC... NÓS NÃO AGUENTAMOS MAIS



fazendo o seu funcionário, pois para receber 13º salário, tem sido descontado do ordenado mensal dos próprios. A equipe de enfermagem trabalha num regime de escravidão, quase sem direito a folga ou a receber o que a lei dá direito. Aqui ainda existe o salário do menor.

A administradora substituta é pessoa de índole perversas, que passa a perseguir qualquer funcionário com quem por acaso ela não

simpatize. Enquanto ela faz e desfaz dentro do hospital apoiada em suporte político, o diretor (o prefeito) passava a seu bel prazer e ainda admite como funcionário um médico sobrinho da administradora e sua esposa recém-formada, ficando o corpo médico com 3 clínicos gerais enquanto a população a necessita de pediatra, ginecologista e obstetra. (Um grupo de moradores de Quebrangulo-AL)

PERSEGUIÇÕES AO PMDB-MA

Sarney é mesmo gente boa?

Aqui em Esperantinópolis até as reuniões do PMDB estão perseguindo. O vereador caído, Antônio Luis, e seus dois irmãos, Gerison e Vanja, tiveram nomeadas uma reunião do PMDB realizada em Palmeiral.

No dia 2 de novembro (1980) estavam reunidos às 20 hrs, na casa de um lavrador, discutindo os problemas da classe e suas raízes. Ai apareceram os três, revoltados porque os lavradores, numa reunião do sindicato realizada duas vezes, descobriram que os culpados daquela situação, que não têm lugar para votar rocam não são o governo, o presidente da República, os prefeitos e principalmente o cacique Antônio Luis.

Quando os gritores foram fazer a demarcação, os lavradores se retiraram para recompor o espírito e o coração foi

chamado a Esperantinópolis. Quando volta, vem com o plano de deixar os grileiros fazer o que quiserem. Não sabemos qual o acordo, se foi dinheiro ou um pedaço de terra que ele ganhou. Ficamos horrorizados com o acontecimento, porque o vereador como representante do lugar devia dar bom exemplo e devia respeitar a propalada abertura do seu diutor Figueiredo.

Eles estão sentindo que o povo começa a enxergar quem são os opressores, enganadores, que sobem enganando e explorando os trabalhadores. O povo está descobrindo que não é obrigado a desviar recursos de um coqueiro. O povo oprimido está querendo se libertar e fazer o seu caminho, sua história.

Os três chegaram em nossa reunião nos chamaram de mentirosos, dizendo

que o sindicato botava o povo pra brigar, que essas reuniões não saíam nada, que o regime era bom pois mandou armar e legião para os alagados das enchentes de 74, que o José Sarney era gente boa e não aceitava aquele tipo de reunião, etc.

Os trabalhadores disseram que até os porcos faziam careta para comer o feijão. Que a merenda das crianças na escola é carne de jato fedorenta e ainda tem que pagar 100 cruzeiros por mês para cooperar não só com que. E isso era obrigado, pois o governo rouba muito mais da gente, até por um quilo de açúcar a gente paga imposto. O pobre não pode nem plantar. O gado invade as tocas.

Quem manter o povo submisso, mas os lavradores não ficaram desanimados. (G.S. - presidente do diretório do PMDB, Esperantinópolis, MA)

TRABALHADORES RURAIS-GO

Lobo com pele de cordeiro na Fetaeg

Comprovado, Antônio Ferreira Bueno, presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg) é um fazendeiro.

A denúncia e dos sindicatos de Nova Veneza, Bela Vista e Anápolis. A nota dos três sindicatos, que exige a destituição da atual diretoria da Fetaeg, é acompanhada de documentos que provam ser de propriedade de Ferreira Bueno uma fazenda no município de Estia.

Em setembro último 10 sindicatos já haviam encaminhado ao Ministério do Trabalho uma nota de protesto contra a presença de "elementos não pertencentes à classe dos trabalhadores rurais" na direção da Fetaeg. Desde 1971,



Antonio Bueno, presidente da Fetaeg

quando assumiu a direção da entidade, Ferreira Bueno tem agido como um fazendeiro inimigo dos trabalhadores. (Um trabalhador da TO-Goiânia - GO).

FLAGELADOS-AL

Água para gente, não para o gado

Os trabalhadores rurais das vilas de Meris e Lagoa de Pedra estão sofrendo com a seca e com as medidas do governo para combater a seca, pois a prefeitura, em convênio com a Sudene, apesar de ter conseguido um caminhão-pipa só realiza uma viagem por semana para cada vila. Isto mal dá para engatar a sede. Inquieto isso, esses camponeses fazem uma viagem diária para as grandes fazendas da região.

Primeiro água para o povo, para os trabalhadores. E depois água para os animais - esta é a reivindicação dos moradores das vilas, que já procuraram mobilizar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais para assumir a luta. No dia 21 de dezembro foi realizada uma reunião no grupo escolar local, onde se decidiu levar ao prefeito um abaixo-assinado exigindo água para a cidade, além de outras reivindicações. Uma comissão de 10 pessoas foi eleita na reunião para encaminhar o abaixo-assinado. (Grupo de apoio à TO em Pão de Açúcar, AL)

APOIO AO JORNAL-SP

Luz que alumia

No escuro da opressão, do desrespeito à liberdade e da injustiça social em que agoniza a grande massa brasileira, cruel e descaradamente explorada pelo imperialismo ianque e pela força reacionária interna, **Tribuna Operária** é uma luz que alumia e que faz forte em todos nós a esperança de um amanhã diferente, de um renascer de justiça e liberdade a toda gente.

Mas que qualquer coisa, **Tribuna Operária** não consentira a todos de nosso próprio potencial, da força que possuímos e do quanto nós, as massas populares, podemos fazer para forjar a mudança das coisas, para derrubar a ditadura, tomar as rédeas do nosso país e fazer de realmente o nosso país. (L.S.M. - operário têxtil e estudante - Santo André, SP).

Tribuna Operária

ACIDENTE DE TRABALHO - RS

Mina de carvão é sepultura para vivos

"O fogo não podia ser evitado, as mortes sim. Se a COPELMI fornecesse máscaras contra gás, ninguém teria morrido". Esta é a voz corrente em Charqueadas. A morte levou Silvino, Marino, Althair, João Plínio e Valdir. Todos mineiros do carvão há vários anos.

No dia 12 de dezembro, no início do turno da manhã, a correia de um motor patinou e a máquina pegou fogo. Os que estavam mais ao fundo morreram asfixiados. Duzentos e espancados vivos se utilizaram máscaras. Pelas declarações de Aldo dos Santos, presidente do Sindicato dos mineiros de Charqueadas, e também segundo os operários e os membros das famílias das vítimas, a COPELMI tem uma triste tradição em acidentes.

É perigoso entrar num local e vem o chefe e manda, a gente é obrigado a ir."

As pessoas que vão trabalhar nas minas geralmente não têm profissão, nem condição de ter uma. Se soubessem fazer outra coisa seguramente não trabalhavam lá. Essa condição do mineiro faz com que as empresas os explorem. Qualquer reivindicação acarreta a dispensa do trabalhador.

No dia do acidente, os mineiros, como é tradição nesses casos, não desceram às galerias. No entanto o protesto não passou disto. Dona Lezi, esposa do Marino, responsabiliza também o governo: "Era para o governo fiscalizar essas empresas que não se importam com a vida do operário".

(Da Sucural)



Prédio da delegacia depois da invasão: todos os arquivos queimados



Viatura incendiada pela população enfurecida

População expulsa a polícia

"Se a polícia aparecer por aqui, morre" diziam os moradores da cidade paulista de Santa Cruz das Palmeiras, depois da debandada geral de todos os policiais e autoridades daquela cidade.

Os 18 mil habitantes de Santa Cruz das Palmeiras levavam sua vida pacata até a primeira semana do ano. Dia 8 um casal de namorados foi assaltado e a jovem estuprada. Na manhã do dia seguinte os três estupradores foram presos e levados de volta à Santa Cruz. Por volta das 16:30 horas cerca de 300 pessoas se concentraram na praça em frente à delegacia de polícia, aguardando a vinda dos três prisioneiros, que chegaram às 17 horas.

Entre às 17 e 21 horas, enquanto os presos eram interrogados, os populares foram se aglutinando em frente à delegacia. As 21 horas já eram cerca de mil pessoas e algumas delas protestavam atirando pedras no edifício da delegacia. Nesta altura chegou reforço policial de várias cidades vizinhas, incluindo

O descontentamento latente na população às vezes explode de forma imprevisível. Os graves incidentes entre a pacata população de Santa Cruz das Palmeiras e a polícia é um exemplo. Cerca de mil pessoas foram reprimidas com bombas, cassetetes, luzes e metralhadoras, com um morto e 20 feridos. O povo deu o troco. Queimaram a delegacia e expulsaram os policiais da cidade a pedradas.

um pelotão de choque de Campinas, fortemente armado.

COVARDIA POLICIAL

Assim que chegaram os policiais já prenderam duas pessoas que se achavam na praça, espancaram-nas brutalmente e as conservaram como reféns. Um pouco antes das 22 horas, a tropa cercou a praça. E atacou o povo com bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes elétricos. Segundo o advogado José Ângelo Parisi, "a polícia cercou os populares que não tinham para onde ir e estavam desarmados". Os populares reagiram e lá pelas 23 horas a polícia estava atirando com fuzis metralhadoras. Alguns policiais se agachavam para fazer pontaria com altura chegou reforço policial de várias cidades vizinhas, incluindo

to, com um tiro na cabeça. Populares que buscavam refugio nos prédios vizinhos eram perseguidos e espancados pelos policiais da tropa de choque. Os tiros atingiram cerca de 20 pessoas. Mais de 50 ficaram feridas.

Leila Parisi, esposa do advogado José Parisi, enquanto aguardava a saída de seu marido da delegacia, viu os militares armados de fuzis e um lhe afirmou com um sorriso: "Matamos poucos, devíamos ter matado mais".

A VIRADA DO POVO

É verdade, Santa Cruz das Palmeiras é uma cidade pacata. Mas paciência tem limite. Diante de tanta crueldade, a ira do povo explodiu. Explodiu contra a polícia

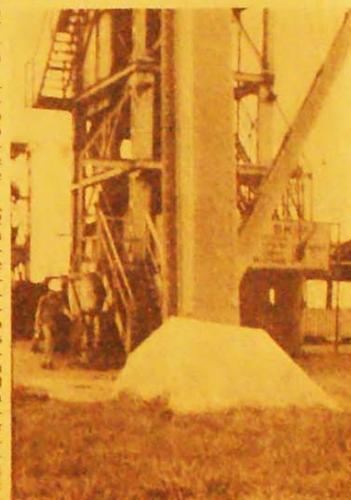
o delegado, a carestia e a fome. Começou a virada. A 1 hora, os policiais já fugiam sob uma chuva de pedradas do povo. Uma pessoa jogou sua bicicleta no marabuz de um veículo policial. Estes responderam com tiros, que atingiu mais um jovem. Com a fuga dos policiais, o povo invadiu a delegacia, incendiando o prédio e um veículo abandonado pelos policiais. O que restou do prédio foi só escombros.

Passados quatro dias, a cidade ainda permanecia nas mãos do povo, enquanto a polícia, receosa, acampava na cidade vizinha de Casa Branca. E o fato repercutiu bastante no país. Os próprios homens do regime já estão assustados. O general Golbery do Couto e Silva já fala do risco que corre o regime "nessa enorme panela de pressão em que veio a transformar o organismo nacional". Em São Bernardo do Campo, em frente à fábrica da Volk, durante um comício contra o desemprego, um operário afirmou: "Aqui devemos fazer como em Palmeiras, não deixar a polícia entrar".

Estes acontecem com frequência e gravidade, chegando ao ponto de acontecerem 7 mortes no interior da mina, em dois meses.

O mineiro trabalha sem nenhuma proteção. Só leva para baixo o calção, o capacete de fibra de vidro e as botas de borracha.

Em outubro, 15 dias antes de 2 acidentes fatais, a COPELMI fez uma exposição de sofisticados equipamentos de segurança do trabalho que, segundo os mineiros e as próprias evidências, nunca foram usados. O total descaso pela vida dos mineiros é comum a toda a parte. Adão Elly, um sobrevivente da recente tragédia, "Lê embauca a gente mandando. As vezes a gente vê que



Nas minas de carvão a vida é um buraco

ELEIÇÕES SINDICAIS EM OSASCO - SP

A decisão está nas fábricas

Em Osasco, centro operário da Grande São Paulo famoso pela greve que realizou em 1968, os metalúrgicos intensificam a campanha para eleger a diretoria do seu Sindicato. E a disputa entre as duas chapas concorrentes domina o panorama das eleições sindicais neste início de ano, envolvendo questões tão controvertidas como o que é oposição e situação, o que é um pelego, o papel que o PT está jogando. Mas o problema-chave é o trabalho dentro das fábricas, que faz da chapa 1 a favorita.

"Eu já decidi: vou votar na chapa 1. Eu conheço os antigos diretores que estão na chapa e vi que eles fizeram muito pelo nosso Sindicato. Lutaram bastante, não fugiram das brigas contra os patrões. E também tem uns amigos aqui da fábrica que estão na chapa e são caras batalhadores". Este comentário foi feito por um metalúrgico do setor de expedição da Brasox (com 5.400 operários e 2.150 sindicalizados), durante a madrugada, antes de entrar na fábrica.

Estes dois fatores — unificação dos trabalhadores através do sindicato e a representatividade na fábrica — mencionados pelo metalúrgico, dão maiores possibilidades de vitória para a chapa 1, Força Operária, nas eleições sindicais de Osasco, de 26 a 30 de janeiro.

Há debilidades na chapa 2, mas de longe ela tem mais consequência no trabalho sindical que sua adversária, a chapa Esperança Operária. Um dos pontos débéis é o desempenho em determinados momentos. Na campanha eleitoral a chapa 1 ainda não fez comícios em portas de fábrica, demonstrando certa timidez. Enquanto isto a chapa 2, que conta com o apoio de todo o efetivo do PT de Osasco, está utilizando cerca de 20 carros, megafones e alto-falantes.

TRABALHO NAS FABRICAS

Dos 24 membros da Chapa Força Operária, 11 fazem parte da diretoria atual que, sem dúvida, reergueu o sindicato, antes conhecido como pelego. A diretoria, apesar das dificuldades, avançou junto com a luta da categoria. Hoje o sindicato tem maior representatividade e respeito, contando com 16 mil sócios (são 42 mil metalúrgicos).

Um dos segredos desta renovação foi que "o" sindicato, que se chegava até a porta da fábrica, passou a

entrar nas fábricas", explica Toschi, o candidato a presidente. Nenhuma luta específica das pequenas ou grandes firmas foi menosprezada. Até os acordos de compensação, que antes eram feitos através de oficinas entre os patrões e o sindicato, passaram a servir para a organização da categoria. O sindicato exigiu assembleia no interior das fábricas, na hora da produção. Com este novo método fez inúmeras reuniões em pátios e refeitórios, como na Polivox, onde por duas vezes chegou a reunir 500 operários.

PELA CONSTITUINTE

O programa de atuação da chapa para a próxima gestão é bastante avançado, e deve ser cobrado pelos metalúrgicos. Entre as lutas da categoria, levanta o problema da estabilidade no emprego, compromete-se a continuar com as assembleias nas fábricas e ajudar a organi-

zação de comissões de empresa, para resistir à exploração patronal. Fortalecimento dos departamentos e criação de novas subdes também faz parte do programa.

"Mas o sindicato não pode isolar a luta por melhores salários. A gente sabe que um dos culpados pelos baixos salários é o governo, que só defende os patrões e manda a polícia para bater nos grevistas. Por isto levantamos no programa a luta pela elaboração de novas leis, a começar pelas trabalhistas, através de uma Constituinte, convocada com liberdade por um novo governo", explica Clemente, membro da chapa.

PERIGO DE FRAUDE

A maior preocupação dos integrantes da chapa Força Operária é com a fraude nas eleições. Isto porque o atual presidente, Henos Amorina, está apoiando a chapa adversária e negou-se a dividir os mesários — cerca de 70 — entre as duas concorrentes. "E eles nos chamam de pelegos. Quem realmente pode dar uma de pelego são eles, os membros da chapa 2, utilizando-se da legislação eleitoral do governo para ganhar o sindicato", conclui Toschi.



Toschi (de costas no fundo), da chapa 1, na porta da Brasox



Dona Dirce morava numa casinha de alvenaria no Jardim Robru. O custo de vida subiu e o salário do marido não acompanhava. Agora, vive numa favela, onde entra água por todo lado.

ESCALADA DOS PREÇOS

Sobra mês no fim do dinheiro

"Isso é um absurdo! Essas coisas só acontecem porque o povo ainda não está unido. Mas não é possível que essa situação dure muito tempo!" Estamos num mercado do Pão de Açúcar, no Bexiga, bairro típico de pequenissima burguesia, em pleno centro de São Paulo. A exclamação partiu de um funcionário público aposentado. Ele se referia aos preços de alguns produtos, remarcados naquele mesmo dia.

Na periferia, o povo chia muito mais. E não é para menos. Lá se encontram os operários, os trabalhadores menos especializados, o pessoal de renda mais baixa, os que têm que fazer muita ginástica para sobreviver. Sobra cada vez mais mês no fim do dinheiro. "É o negócio está ruído — diz uma dona-de-casa de Figueira Branca, na Zona Sul — E meu marido não é dos que ganham pior. 25 mil cruzeiros". A mulher não trabalha fora e está esperando o terceiro filho.

Este mesmo quadro se repete, agravado, nas favelas. Conversamos com Dona Dirce, que mora no Jardim Cotinha, na Zona Leste de São Paulo. Seu marido, Francisco, vendeu as terras que tinha para "fazer a vida" em São Paulo. Traba-

lha de vigia e também de pedreiro, tem dia que pega 36 horas direto. E assim mesmo não dá. "Se vivo numa pior não é por falta de trabalhar. É que a carestia come todo o dinheiro". Dona Dirce e seu Francisco moravam numa casinha de alvenaria no Jardim Robru. Mas o custo de vida foi subindo e o salário não acompanhava. Resultado: tiveram que ir com os 8 filhos para a favela.

No ano passado, a inflação chegou a 111%, ou seja, os preços subiram mais de 2 vezes. Assim como Francisco, milhares de trabalhadores tiveram que ir morar nas favelas. O povo está mais faminto, com menos saúde. Vive com medo de amanhã ser pior. Ao que tudo indica, a inflação vai continuar aumentando. Somente para janeiro deste ano estão previstos aumentos do pão, leite, carne, gasolina.

GOVERNO NADA FAZ

Será que o governo está fazendo alguma coisa para resolver o problema? Dona Idalina, mãe de 4 filhos, moradora do Jardim Alfredo, é enfática ao responder: "O governo não faz nada, só ajuda a piorar. Afinal, quem está arrojando os salários não é o governo". E ela destaca: "Esse tal de Varejo, Ceslão

da Cobal, não resolve nada. Para dizer a verdade, nem sei onde fica". Diversas donas de casa que se reúnem num Clube de Mães da Zona Sul acham que essas medidas "não servem pra nada". Os preços estão iguais e até mais caros do que na feira. E os produtos são de terceira qualidade. Essa opinião é partilhada por um carregador do CEGESP, onde funciona o Varejo. Em toda São Paulo a opinião generalizada é de que todo isso não passa de cortina de fumaça.

CRIAR NOVAS LEIS

Todo mundo também está de acordo que é preciso mudar essa situação. "O negócio — diz uma dona-de-casa — é derrubar esse regime, criar novas leis". So que isso não é fácil. Tem muito chão até lá. O aposentado do Bexiga tem razão: o povo precisa se unir e se organizar. Um membro do Movimento Contra a Carestia completa: "É aí que entra nosso movimento. Vamos unir todo mundo que está contra a alta dos preços. E junto exigir, por enquanto, congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, dos alugueiros e dos transportes. Depois a gente toma félego e vai mais adiante". (Olívia Rangal)